



Editorial

Que universidade o País necessita?

Como a universidade se insere na construção de um projeto nacional?

*Quais são as inflexões e ênfases que o ensino universitário deve atribuir à formação acadêmica propriamente dita e às responsabilidades sociais inerentes aos egressos dos cursos superiores? Essas questões, que se renovam frente aos atuais debates sobre os rumos do País e de seu Governo, percorrem os depoimentos ao **IHU On-Line** de Cristovam Buarque, senador e ex-ministro da Educação, Wlana Panizzi, reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Ione Bentz, diretora da Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação da Unisinos e do padre jesuíta Luis Ugalde,*

presidente da Associação das Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina (Ausjal). Partindo de realidades diversas, suas manifestações conduzem à constatação de que não apenas o País precisa da contribuição decisiva da universidade para construir-se, mas mostram que a própria instituição “universidade” não se viabiliza sem assumir-se permanentemente como geradora de alternativas humanizadoras e processos de desenvolvimento amplos e capazes de dialogar com as mudanças sociais.

Você também poderá participar desse debate, manifestando-se na enquete que disponibilizamos no nosso sítio. As respostas dessas quatro pessoas comprometidas com o fazer e o pensar universitário somam-se às manifestações de alunos da Unisinos, também indagados sobre o tema. Elas oscilam entre o desencantamento e o entusiasmo, reforçando outro traço que emerge do material levantado por **IHU On-Line**: embora marcado pela inflexão humanizadora e atenta à contemporaneidade, o debate não pode descurar das mazelas universitárias. A esse respeito Ruy Fausto, professor emérito da USP, aborda a questão dos lobbies na universidade, em um artigo que transcrevemos. Este número do **IHU On-Line**, que marca a retomada das nossas edições semanais após o recesso universitário, contém outros assuntos candentes. Como outros tantos que temos destacado, eles reclamam uma urgente atenção das universidades, como atitude para adequarem-se ao debate e aos avanços necessários. O filósofo italiano Giorgio Agamben critica a “tatuagem biopolítica” imposta pelos EUA aos estrangeiros que desejam ingressar naquele país; a antropóloga argentina Paula Sibília comenta a metamorfose dos corpos em objetos de consumo visual, nos espetáculos carnavalescos. Sua abordagem relaciona-se com o próximo **IHU Idéias**, quando a professora Débora Leitão debaterá o significado contemporâneo da tatuagem, assunto sobre o qual a entrevistamos. Assim também a professora Jacqueline de Oliveira Silva, no próximo **Sala de Leitura**, mostrará como, nos processos comunicacionais em saúde, dá-se mais importância à estética do que à saúde pública. Há muito mais! Boa leitura!

QUE UNIVERSIDADE QUEREM OS ESTUDANTES?

Acadêmicos de diversos cursos da Unisinos respondem a esta pergunta.

A campanha toca, sinalizando o início das aulas, estudantes caminham em todas as direções, alguns já familiarizados com a estrutura, outros perguntando onde ficam as suas salas ou como chegam até tal ou qual lugar. É esse um cenário inequívoco: iniciou o semestre. É uma boa oportunidade para indagar aos estudantes que universidade eles querem e como vêem o debate nacional sobre a reforma universitária. Para aqueles que estão chegando, quais seus sonhos e expectativas e o que esperam da Unisinos. Os que já estão na casa há algum tempo, ou até, se preparando para sair, perguntar o que a Unisinos lhes ofereceu e que tipo de pessoas a Universidade está formando. As respostas são variadas e contraditórias, sinal, talvez, de uma universidade em construção.

Carolina Pugliezzi Cardoso, 22 anos, aluna do 1º semestre do curso de Pedagogia, vendedora e residente em Canoas, escolheu estudar na Unisinos por ser uma instituição que tem “muito nome” e espera que isso realmente lhe traga bons resultados nos estudos. “Espero da Unisinos uma base profissional no ramo que estou procurando. É importante que o curso

ofereça uma visão de mundo, principalmente na minha área, em que eu vou lidar direto com pessoas”.

Ricardo Gomes Giordano, 21 anos, aluno do 5º semestre do curso de História, mora em Porto Alegre. Ele afirma que a universidade deve preparar o aluno para ser um cidadão que saiba se posicionar na sociedade. “Isso não acontece hoje em dia. As pessoas precisam aprender sobre os seus direitos, saber a quem recorrer. Na própria Unisinos, poucos alunos sabem dos recursos que têm”. Como Ricardo pretende ser professor, a formação voltada para o humanismo é essencial para ele. “O papel da universidade é formar um profissional politizado, autônomo e crítico”, resume.

Thais Pioner, 18 anos, cursa o 3º semestre de Psicologia. É empresária no ramo de roupas esportivas e mora em São Leopoldo. Até o momento, todas as suas expectativas em relação ao curso estão sendo correspondidas. Ela conta que está tendo todas as oportunidades para se aprofundar nas áreas de seu interesse. “O ensino aqui é bastante humanizado e eu valorizo isso. Ele foge do esquema, do puramente racional, o que é uma grande vantagem”. Para a jovem empresária, o primeiro passo para mudar alguma coisa no mundo, a partir do que se ensina na universidade, é aprender a trabalhar, gostando da profissão e trabalhando até de graça se for preciso.

André Wagner da Silva, 21 anos, aluno do 7º semestre do curso de Direito, estagiário no Tribunal de Justiça de Porto Alegre e morador da cidade de Portão. André esperava ter uma formação mais crítica, que fosse adquirir conhecimentos e experiências, que o tornassem um profissional mais consciente, mais criativo, mais inovador. “Agora eu vejo que o lema aqui é cada um por si. Vamos ver o que eu vou conseguir para ser um profissional o melhor possível, porque estou vendo que é só por mim mesmo. Quando escolhi o curso de Direito, eu achava que ele pudesse ser uma ferramenta de mudança social, que ele podia ser usado para consertar os problemas que temos hoje na sociedade. Mas logo no primeiro semestre já aprendi que justiça não existe, existe apenas um equilíbrio entre as partes. Fui aprendendo que quanto mais a gente tenta inovar ou trazer pensamentos novos, mais somos podados pelos professores, porque temos que seguir as doutrinas. Sei que a universidade tem que sobreviver e ela não está totalmente errada em sua postura. Mas, cada vez mais, para participar dela, a pessoa é cobrada financeiramente”. Para ele, o aluno já não tenta passar para adquirir conhecimento e sim para não perder os mais de mil reais que se investe em uma disciplina”. Para André, o papel da universidade não diz respeito só ao estudante, mas também à sociedade. “Eu não vejo a universidade se preocupar com o mercado de trabalho ou com a sociedade, exceto em ações isoladas que servem apenas para fazer marketing. A Unisinos te forma para entrar no mercado, mas não para criticar os “valores” que regem o mercado”, finaliza.

Deivisson Oliveira, 23 anos, cursa o 4º semestre de Engenharia de Produção. É técnico em plásticos e reside em São Leopoldo. Ele espera que a Unisinos cumpra seu papel de transmitir, da melhor forma possível, o ensino acadêmico, fazendo-o entender o conteúdo, para que ele consiga aprender realmente o que se pretende ensinar. “Eu busco os ensinamentos técnicos e teóricos e a formação humana que também é o que a Unisinos disponibiliza como universidade jesuítica”. Deivisson acredita que o papel da universidade é formar profissionais que sejam cidadãos e pessoas melhores para o mundo.

Carlos Germano Reichert, 29 anos. É aluno do curso de Direito, 7º semestre, e mora em Porto Alegre. Carlos evidencia que o valor da mensalidade impede o aluno de se dedicar exclusivamente ao estudo. Também se queixa de que a visão proposta pela universidade foge da visão apropriada para se posicionar em favor dos povos e da paz em um mundo que busca a globalização. “A visão está completamente desfocada de um futuro promissor para o País. A universidade educa pessoas para repetir o que profissionais dizem aqui dentro. O professor enfia um monte de coisas goela abaixo do aluno, que finge aprender; chega na hora da prova ele devolve tudo aquilo que não tem nada a ver com a realidade brasileira e mundial, tendo uma visão completamente distorcida do mundo”. Para o jovem, seria importante mudar o enfoque das aulas, levando o aluno para a prática cotidiana, com uma visão mais humanista, mais globalizada, mais social, preparando-o não só para a carreira, mas ensinando-o a ser humano. “A faculdade não consegue formar politicamente o aluno como ser humano, cidadão do mundo, ser gentil, ter gratidão pelas pessoas e respeito pelo próximo. Infelizmente ela não está formando alunos assim. Posso contar nos dedos quantos professores em nosso curso buscam dar esse enfoque. A maioria prega que é cada um por si, o resto que se dane. Não ensinam companheirismo, amizade, respeito. O reflexo está na monstruosa falta de ética dos profissionais atualmente. Acabamos aprendendo a ser desumanos”.

Marina Vieiro, 19 anos. Cursa o 4º semestre de Comércio Exterior, trabalha num escritório de advocacia e mora em Taquara. “Eu espero que a universidade possa me proporcionar um futuro. Tenho como objetivo na vida trabalhar e poder apresentar um diploma da Unisinos para as pessoas me olharem com outros olhos”. Marina pensa que não cabe à universidade dar uma visão de mundo e promover um posicionamento diante disso. “Essa formação eu não espero da universidade. Ela foi dada na infância, pelos nossos pais e pelos colégios”.

Jéssica Maiara dos Reis, 18 anos É aluna do 3º semestre do curso de Psicologia, trabalha como florista e reside em Campo Bom. Para ela, quando se está no meio acadêmico, sempre aparecem mais propostas de emprego e estágio. “Eu poderia ter ido para outras faculdades, mas escolhi a Unisinos pelo nome que ela tem. A própria convivência universitária já nos torna mais humanos, mas a Unisinos promove eventos, palestras, que levam para uma formação integral, e isso é muito importante”. Jéssica compara a universidade com a família e a Igreja. “Ela te dá uma base e oferece oportunidades. Aproveita quem quiser”.

Cátia Andressa da Silva, 23 anos, aluna do curso de História, 6º semestre, residente em Novo Hamburgo, comenta que, em sua formação, a Unisinos correspondeu a todos os anseios, tanto no quadro docente quanto na estrutura de pesquisa, de aprendizagem e de apoio de ensino. E espera que isso permaneça até o final. “Pretendemos trabalhar e mudar alguma coisa através do nosso trabalho, revolucionar o sistema de ensino, e que a universidade nos apoie nisso, nos dê condições de sempre ampliarmos os nossos horizontes”. Cátia acredita que a universidade deve fornecer meios para que o aluno tenha uma postura crítica na sociedade, uma visão de mundo abrangente, aberta. “Para mim a universidade tem que oferecer uma formação completa, com conteúdos teóricos e formação humana. E eu temo que, com essas mudanças atuais da Unisinos, se perca muita coisa boa que temos”.

Janice Morales, 21 anos, cursa o 3º semestre de Engenharia Civil. Trabalha em uma construtora e reside no município de Salvador do Sul. Espera que a Unisinos lhe ofereça

uma boa qualificação profissional, por ser uma Universidade com um conceito muito bom, preparando-a para enfrentar o mercado de trabalho. “A Unisinos trabalha para oferecer uma formação completa aos seus alunos. Em todos os cursos, ela dá uma orientação em relação à formação humanística. Isso é importante, porque nos qualifica bem mais”. Para Janice, formação universitária atualmente “é tudo”. “Se a pessoa não tem um diploma de curso superior, ela não tem nada”.

Leandro Walter, 20 anos. É aluno do 5º semestre de Psicologia e mora em Bom Retiro. Ele ingressou num curso superior para capacitar-se a exercer a profissão escolhida, preocupava-se com pobreza, o desemprego e a miséria. “É papel da universidade preparar profissionais para esse mundo. Nada é neutro, tudo tem uma posição dentro da sociedade, inclusive a universidade”. Para o jovem, cabe à universidade formar bons profissionais, com uma visão de mundo ampla, que não usem a formação universitária apenas para ganhar dinheiro e construir muros altos com esquemas de segurança, esquecendo o mundo real. “O papel da universidade é mostrar que tudo tem conseqüências”.

Fabiano Guerra, 31 anos. Cursa o 9º semestre de Engenharia Mecânica, trabalha na empresa Tramontina e reside em Carlos Barbosa. Fazendo uma avaliação de final de curso, ele comenta que tudo o que buscava, a Unisinos lhe ofereceu. “A maior dificuldade, nestes anos, aqui dentro, foi a falta de tempo para pesquisa e estudo, porque eu precisei trabalhar o período todo. Mas não questiono nem coloco em discussão o sistema da Universidade. Eu é que não tinha tempo mesmo, e poderia ter aproveitado mais meu curso, se não precisasse trabalhar”. Fabiano defende que o lado humano deve ser trabalhado na formação universitária. “Na engenharia, é mais difícil lidar com esse aspecto aplicado à profissão, comparando com os cursos das ciências humanas ou da comunicação. Eu senti falta disso na graduação, apesar de ter tido algumas cadeiras mais voltadas para o aspecto humano, que foram muito interessantes. Sinto que estou me formando um profissional muito técnico”.

Noeli Felix, 44 anos. Está iniciando o curso de pós-graduação em Religiões, Religiosidade e Educação. É formada em Pedagogia pela Unisinos. É professora de Ensino Religioso e reside em São Leopoldo. Ao afirmar conhecer bem o sistema de ensino da Unisinos, Noeli conta que vem buscar, num curso de pós-graduação, mais subsídios para atuar em sala de aula e para melhorar sua remuneração, já que somente com graduação o trabalho não é devidamente reconhecido. Ela também espera da universidade uma melhor colocação no mercado. “Eu passo para meus alunos do ensino fundamental tudo o que aprendo aqui nas áreas de ética e cidadania, oferecendo uma faceta bem mais ampla do conteúdo. A professora comenta que a cada dia surgem novas situações e os questionamentos vêm à tona. “Por isso precisamos ter cada vez mais subsídios. Cabe à universidade oferecer aos seus alunos uma visão mais ampla do todo, além de formar profissionais”.

Luciana Genro, 32 anos. É estudante de Direito, deputada federal (sem partido), professora de inglês e reside em Porto Alegre. Para a deputada, a universidade, de um modo geral, tem uma contribuição fundamental a dar para o País. “Hoje, infelizmente, só 6,8% dos jovens com mais de 25 anos conseguem concluir um curso superior e muitos que o conseguem, o fazem em faculdades privadas de qualidade bastante duvidosa. Recentemente a OAB denunciou um número significativo de cursos de Direito pelo País afora, que são de péssima qualidade. Qualificar o ensino por meio da valorização do professor, de cursos de extensão junto à comunidade, de pesquisa qualificada, voltada para o interesse público, com

cursos em que os jovens possam não só se preparar para o mercado de trabalho, sendo também um espaço de reflexão sobre a sociedade, é a principal contribuição que as universidades de um modo geral podem dar”. No caso específico da Unisinos, a estudante acha que é uma universidade com um nível de ensino bom e dá uma contribuição importante. “Embora seja limitada por precisar cobrar mensalidade dos alunos, impedindo que muitos não possam, mesmo gostando de estudar, fazê-lo. Mas isso é uma coisa contingencial da própria condição da universidade, de ser comunitária. Os cursos de extensão, os trabalhos junto à comunidade, vários programas da Unisinos fazem esse tipo de *link* entre o ensino e a vida real das pessoas.”. A deputada teme pela reforma universitária a partir das experiências avaliadas como negativas das outras reformas do governo. “Acho que o Presidente Lula, embora tenha tido uma vida muito sofrida, hoje em dia, está bastante distanciado da realidade das pessoas, quando ele diz que está tranquilo, está com a alma lavada, está com a sensação de missão cumprida, e o País afundando no desemprego, no arrocho salarial, com os serviços públicos sucatiados, e o Brasil pagando R\$ 145 bilhões para o FMI. Eu estou muito preocupada com a reforma universitária, porque as reformas que o governo Lula tem feito até agora são reacionárias. A reforma da Previdência foi um retrocesso do ponto de vista dos direitos do trabalhador, foi uma capitulação frente aos interesses do FMI, dos fundos de pensão, do sistema financeiro internacional. A reforma sindical e trabalhista vai pelo mesmo caminho e eu temo que a reforma universitária também seja a continuidade do desmonte das universidades públicas, do processo de privatização branca que elas já estão vivendo por dentro dos seus próprios organismos, os interesses privados tomando”.

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DO PAÍS

Entrevista com Wrana Panizzi, Ione Bentz e Cristovam Buarque

Na presente edição, IHU On-Line levantou alguns interrogantes a respeito do papel da universidade na sociedade brasileira e seus principais desafios que foram respondidos por três pessoas comprometidas com o fazer e pensar universitário, como o senador e ex-ministro de Educação, Cristovam Buarque, a reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Wrana Maria Panizzi e a diretora da Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação da Unisinos, Ione Bentz.

*Engenheiro Mecânico, pela Universidade Federal de Pernambuco, Doutor em Economia pela Universidade de Paris, Sorbonne, Cristovam Buarque foi eleito senador da República em outubro de 2002 com 60% dos votos, cerca de 461 mil, o mais votado da história do DF. Entre 1995 e 1998, foi governador do Distrito Federal, onde implantou o Programa Bolsa-Escola. Criou a ONG Missão Criança para promover a idéia da bolsa-escola no Brasil e no exterior. Desde 1979, é professor da Universidade de Brasília, onde foi reitor no período 1985-1989, como primeiro reitor eleito da UNB após o fim da ditadura militar. É autor de 19 livros. Entre eles citamos: **A Desordem do Progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro.** São Paulo: Paz e Terra, 1991; **A aventura da universidade.** Co-edição Rio de Janeiro: Paz e Terra e São Paulo: Unesp, 1994 (Prêmio Jabuti, 1995); **A Revolução nas Prioridades. Da modernidade técnica à modernidade ética.** São Paulo: Paz e Terra, 1994. **Os tigres assustados - uma viagem pela fronteira dos séculos.** Rio de Janeiro: Record, 1999; **Admirável mundo atual.** São Paulo: Geração Editorial, 2001; e **Os Instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002; O senador Cristovam Buarque foi ministro da Educação no atual Governo Federal, no período de 1º de janeiro de 2003 a 27 de janeiro de 2004.*

Wrana Maria Panizzi, é bacharel em Direito e licenciada em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (UPF), mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS e doutora em Ciências Sociais pela Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne) (U.P. I), em Paris, França, e em Urbanismo, pela Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne) (U.P. XII), em Créteil, França. Atualmente a professora Wrana está no segundo mandato como reitora da UFRGS, iniciado em 2000. O primeiro mandato foi de 1996 a 1999. É também presidente da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) e autora de, entre outros, **Porto Alegre, passado e futuro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

A professora Dr.^a Ione Maria Ghislene Bentz é atualmente diretora da Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação da Unisinos. Graduada em Letras (português/inglês), pela Fundação Universidade de Bagé (FUB), obteve mestrado em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), doutorou-se em Lingüística pela Universidade de São Paulo (USP), tendo sua tese o título *Linguagem: a ilusão do referencial. Proposta de análise do discurso*, e pós-doutorou-se pela Université de Paris IV (Paris-Sorbonne), na França. Entre as diversas obras das quais é autora ou organizadora, citamos **Metacomunicação**. 2. ed. Porto Alegre: Emma, 1977. 200 p. (co-autora ao lado de W. C. Guarany); **O olhar estético na Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 160 p.; (organizadora ao lado de José Milton Pinto e Antônio Albino Rubin), **Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 160 p. (organizadora ao lado de José Milton Pinto e Antônio Albino Rubin); **Tensões e objetivos de pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Editora Meridional Ltda, 2002. v. 1. 296 p. (organizadora ao lado de Maria Helena Weber e Antônio Hohlfeldt).

IHU On-Line – Qual é o papel mais específico da universidade?

Cristovam Buarque- Para começar, eu acho um excelente tema sobre o qual discutir, porque o debate sobre a universidade muitas vezes fica reduzido. O papel da universidade é criar o saber de nível superior que o Brasil precisa para ser construído como nação independente, eficiente e justa e contribuir para ampliar o patrimônio científico e cultural da humanidade. Por isso eu considero o tema que estão abordando extremamente oportuno, porque as pessoas esquecem que este é o papel da universidade, imaginando que é beneficiar o aluno. Pensam que o papel da universidade é ajudar os jovens a subirem na carreira social deles. É isso também, mas o fundamental é que esses jovens vão ser reconhecidos com bons salários, prestigiados e respeitados, porque são os que constroem o saber de nível superior de que o País precisa. Quando acompanhamos a discussão se a universidade beneficia os pobres ou os ricos, as pessoas estão se perguntando se os alunos que estão dentro dela são ricos ou pobres, quando a pergunta deveria ser: Os que vão ser beneficiados pelo trabalho dos alunos da universidade do futuro são os ricos ou os pobres? Nos esquecemos disso e, nos últimos anos, a universidade foi privatizada, mesmo as estatais. Como se os beneficiários dela fossem os alunos. Os beneficiários da universidade são os habitantes do País de hoje e do futuro, através dos alunos da universidade. Estes se beneficiam de duas formas: como habitantes deste país e deste mundo e pelo reconhecimento que recebem ao serem bons profissionais.

Wrana Panizzi – Se nós olharmos o Brasil e a América Latina, o papel mais importante que a universidade tem é a formação de recursos humanos qualificados do ponto de vista científico, tecnológico, que sejam capazes de gerar e produzir nas mais avançadas fronteiras do conhecimento. Isso permite que o País possa ter aqueles recursos que se constituem importantes para a geração tanto da riqueza material quanto da riqueza moral, dos valores, da cultura dos nossos povos. Este é um papel que, infelizmente, nas últimas décadas a universidade tem relegado um pouco. Ela tem ficado muito mais no atendimento às grandes demandas de transformações do mundo do trabalho. Na América Latina, no Brasil, ela tem que,

absolutamente, recuperar este seu papel de instituição de vanguarda, de instituição que tem um compromisso com a sociedade muito mais amplo e muito além daquilo que ela desenvolve intramuros. No Brasil, ela tem uma função de responder às nossas demandas mais urgentes numa sociedade tão desigual. Um outro desafio, paralelamente a esse, é acompanhar aquilo que há de mais avançado em termos de conhecimento e desenvolvimento científico-tecnológico.

Ione Bentz - Historicamente, a missão central da universidade tem sido o compromisso com a produção de conhecimento nas diversas áreas do saber e seu compartilhamento, e com a formação profissional dos diversos segmentos da sociedade. A parte variável desse processo decorre da ampliação das responsabilidades atribuídas à universidade em decorrência da evolução da sociedade e do quadro conjuntural que se altera a espaços regulares. É, então, que ganha importância a palavra hoje acrescentada à pergunta. No cenário atual de crise institucional, a universidade deve manter suas mais caras tradições e integrar-se aos segmentos que, fora de sua esfera, atuam em pesquisa. É um modo de expressão da contemporaneidade que, entretanto, só se completa pelo compromisso expresso com a dimensão pública. Nesse sentido, se, até alguns anos atrás, a construção da cidadania tinha como principal componente a discussão das ideologias, hoje o exercício da cidadania depende fundamentalmente do desenvolvimento do País (dependente de um projeto político). Criação de empregos, geração de renda, preparo de profissionais, condições de competitividade, preservação da cultura, avanço no conhecimento, fundação ética, desenvolvimento econômico, eis algumas das temáticas que devem pautar a atuação da universidade para que se cumpra sua missão. A tríade conhecimento, desenvolvimento e cidadania são temas centrais para esse debate que se deseja permanente.

IHU On-Line – Partindo da idéia de que o neoliberalismo não deixa nada intacto, quais as principais influências do neoliberalismo nas universidades brasileiras?

Cristovam Buarque - A primeira e mais grave é a que assinalai antes: a universidade foi privatizada. Tanto que privatizaram até a universidade estatal. O neoliberalismo conseguiu fazer com que muita gente defenda a idéia de que a universidade estatal deve beneficiar apenas os alunos. Houve uma privatização nas consciências das pessoas e temos que pará-la. Muita gente defende que a universidade continue estatal, mas não quer mudar a universidade para servir ao País, então que continue estatal a serviço privado para os alunos e professores. Muita gente é contra a privatização, mas defende que a privatização continue disfarçada, financiada pelo Estado. A universidade, para ser pública, deve ser gratuita. Mas ela só merece ser gratuita, se ela for pública, e para ser pública, não basta que pertença ao governo, ela deve servir ao País, e para servir ao País, no nosso caso, com uma nação tão desigual, é preciso, sobretudo que ela sirva às massas pobres do País. Como? Formando médicos competentes para servir à saúde pública, engenheiros para construir a infra-estrutura, professores para o ensino médio e todas as profissões que o Brasil precisa. E pagando bem a esses profissionais para que eles não emigrem para outros países. Devemos pagar bem ao cientista e ao professor universitário e dar mais recursos para que haja mais laboratórios nas universidades, porque essa é a forma de mantê-los no Brasil e de fazer que eles produzam para o País.

Wrana Panizzi – Na sociedade contemporânea, as posições mais neoliberais fazem com que a universidade se vincule primeiro ao mercado, portanto transformando a educação, que é bem público, num bem de troca, numa mercadoria. Há uma influência, uma consequência do

neoliberalismo sobre a própria universidade. Ela fica muito preocupada em dar respostas imediatas e atender às demandas que, muitas vezes, são efêmeras, deixando inquietação com aquelas questões mais profundas e de mais longo prazo que tem a nossa sociedade em relação às quais a universidade precisa trabalhar. Ela também busca uma certa transformação do projeto acadêmico-universitário, fazendo com que ele se constitua muito mais nas questões e nas demandas operacionais, aquelas questões mais práticas. As questões mais ligadas ao conhecimento, mais profundas e fundamentais da ciência da universidade são submetidas a elas. Uma outra transformação também é que a universidade caminha para uma especialização, esquecendo uma visão mais global. Este é um desafio atual da universidade: ser uma instituição que ofereça uma sólida formação básica, uma visão global ampla e, conseqüentemente, forme pessoas dotadas de instrumentos para pensar seu trabalho, para pensar o mundo, enfim com instrumentos que façam das pessoas, sujeitos.

Ione Bentz - Em tempos de mundialização, não há fronteiras. Com rapidez cada vez maior, os efeitos das políticas dominantes se fazem sentir em todos os quadrantes, o que tem efeitos tanto mais perversos, nesse caso específico, quanto são vulneráveis as economias e pobres as populações. Em termos de universidade, o ponto mais visível é a transformação da educação em mercadoria, processo em vias de se consolidar com acordos internacionais de livre comércio. A proliferação de universidades-empresa vem realizando essa tendência. Apesar da reconhecida hegemonia do neoliberalismo, sou confiante nos processos históricos que pelo jogo do ponto e do contraponto alteram as lógicas deterministas que levariam a prever um quadro assaz pessimista. Um exemplo disso é a preservação de instituições de ensino comprometidas com a missão central da universidade, mas conscientes da nova ordem estabelecida pela globalização e pela moderna gestão dos negócios. Seriedade e competitividade não são características incompatíveis. A sociedade atua politicamente, embora muitas vezes desejássemos que o fizesse com mais vigor e velocidade. Dessa atuação deveria resultar a sociedade que se deseja: moderna, rica, justa e ética. Trabalhar para que esse ideal se concretize é o que nos cabe.

IHU On-Line – O que entende por democratização do ensino e quais seriam os passos mais urgentes nessa direção?

Cristovam Buarque- Ótima pergunta, porque as pessoas pensam que democratizar o ensino é eleger o reitor. Não, democratizar a universidade é colocá-la a serviço da humanidade e do País inteiro, e não de uma pequena parte da população. Democratizar exige qualidade, porque sem qualidade não se serve ao País. Em segundo lugar, é preciso orientá-la para formar profissionais com qualidade naquilo que é necessário para aumentar o patrimônio científico cultural da humanidade e do País e aumentar o número de profissionais nas áreas tecnológicas que vão dar respostas às necessidades brasileiras - nas tecnológicas incluo também as medicinas. No Brasil, para que isso aconteça, acho que a democratização deve ter também a participação da comunidade nos destinos da universidade. Para democratizar, precisa dar autonomia, mas a principal forma de democratização é um currículo que forme profissionais com qualidade para servir ao País.

Wrana Panizzi – Os passos mais urgentes para a democratização consistem na ampliação de vagas. Isso vai depender do papel que a universidade tem e que a educação superior tem na política pública. A pergunta que nós temos que fazer, não só para os governos, mas também para o conjunto da sociedade brasileira é: Afinal de contas, o que quer a sociedade brasileira

para o seu futuro? Ela quer um futuro efetivamente autônomo, soberano, em que possamos ter um projeto de desenvolvimento capaz de gerar riqueza material, de agregar valores, de gerar empregos, de ser inclusiva do ponto de vista mais amplo e econômico? Uma sociedade com identidade própria? Se ela quer isso, claro, nós temos muitas demandas, mas é preciso considerar a demanda pela educação, pelo acesso ao conhecimento, como especial e importante. E é preciso, portanto, que as políticas públicas, ouvindo a sociedade, transformem isso em prioridade. Essa é uma forma de buscar uma democratização, porque aí não só nós permitimos o acesso de todas as camadas e todas as partes da sociedade à universidade, como também permitimos que a sociedade brasileira usufrua daquele que é o recurso mais importante, que é a educação e o conhecimento avançado. Democratização é fazer com que o conhecimento e a educação superior sejam considerados como bens públicos. Essa é uma forma de democratizar. É ter clareza dessa concepção. É ter clareza também que temos que ampliar e disponibilizar conhecimento. Isso passa necessariamente pela ampliação das vagas, e vagas para todos. Elas têm que ser para ricos e pobres, para negros e brancos, para índios, para todos. Na medida em que nós ampliarmos as vagas, nós estaremos também propiciando um processo maior de inclusão social.

Ione Bentz - Falar em urgência em nosso país é tautologia. Há algumas décadas é urgente que se ofereçam condições de desenvolvimento em quesitos como saúde, educação, previdência, entre outros tantos que, porque precários, assolam o País como pragas, condenando a maior parte da população à privação quase que completa. Estou falando, de modo indireto, de inclusão como efeito que deve ocorrer em consequência do desejado desenvolvimento. Às universidades interessa possuir o maior número de alunos. Os últimos dados mostram a ociosidade de vagas que, em uma sociedade de inclusão e em países de grande massa de população jovem, não seriam certamente vagas superdimensionadas. As condições de acesso à universidade são a principal questão. Existem algumas medidas paliativas e que estão longe de resolver a questão. É o crescimento com justa distribuição de renda que poderá efetivamente alterar o quadro de exclusão que vivemos. Arriscaria a dizer que os preconceitos atribuídos como preponderantes no trato das minorias estão radicados em um dado de base: a pobreza. Sim, o principal fator de exclusão é a pobreza. O aluno é pobre e as famílias empobrecem, enfim reifica-se a velha questão: país rico, população pobre. Considero urgente que cada uma das ações, mesmo que pequenas e emergenciais, sejam já orientadas por um plano de desenvolvimento concernente ao País, às suas forças e tradições. Políticas públicas e ação social são agentes importantes nesse processo.

IHU On-Line – A professora Marilena Chauí afirmou que “a universidade não é produtora de cultura porque está estruturada de tal forma que sua função é a de dar a conhecer para que não se possa pensar”. Que reflexão merece essa frase?

Cristovam Buarque - Evidentemente ela não está falando da universidade como conceito, e sim da universidade como ela é hoje. Eu mudaria o verbo e diria que a universidade tem funcionado nestes anos dessa maneira.

Wrana Panizzi – A universidade tem se deixado levar por esse movimento de internacionalização do conhecimento. Eu sou favorável às relações e à cooperação internacional, mas penso que nós não podemos nos deixar levar por uma internacionalização que transforma a educação de bem público, em mercadoria, e faz com que a gente possa ter uma uniformização, uma massificação do conhecimento, da cultura, negando as próprias

identidades. Isso faz com que as pessoas deixem de pensar. E a universidade, na medida em que se volta e se atrela a um mercado, não que ela não tenha que formar também para o mercado, ela se atrela a ele, só que não pode estar submetida a ele. Na medida em que ela está submetida ao mercado e que atenda às demandas que esse mesmo mercado impõe, ela está formando direcionadamente, e a universidade é, sobretudo, o lugar da polêmica, da heterogeneidade, da pluralidade de idéias. Tem que ser um espaço onde se possa discutir, onde se possa ir muito além da instrumentalização, dando as condições de pensar. Daí a importância de os nossos projetos acadêmicos darem o devido valor ao conhecimento básico e fundamental, que são os conhecimentos sólidos e fundamentais para uma profissão. Não é só para o médico, o engenheiro, o advogado, mas para todos que têm uma vida humanística, que dêem algum instrumental e ajudem as pessoas a pensarem. Aí sim a universidade é capaz de produzir cultura. A Marilena Chauí faz muito bem a distinção entre instituição e organização. Numa organização você está visando ao próprio funcionamento, a instituição é um projeto social que se constrói e se reconstrói permanentemente.

Ione Bentz - A professora e pesquisadora citada faz uma síntese da realidade educacional que não conseguiu tornar realidade alguns ideais que, desde os anos setenta, são apregoados, entre eles o de conceber o aluno como agente do processo de aprendizagem e, portanto, do conhecimento. Aponta a estrutura universitária como responsável pelo estado da arte no quesito produção de cultura. Seria impossível negar o papel das estruturas nos processos de desenvolvimento de uma concepção de educação ou de universidade. Entretanto, é apenas um dos elementos que ganha tanto maior relevância, quanto se sobreponha em importância à concepção e aos processos. As estruturas devem ser aliadas na realização de um projeto de universidade; não é fácil mantê-las como coadjuvantes. A Unisinos vive um momento de sua história que, de certa forma, ilustra essa questão. Organizar todos os meios, inclusive as estruturas, para concretizar um projeto de universidade "produtora de cultura", ou melhor, produtora de conhecimento, centralizada na pesquisa e concebida nos termos da missão e do credo, dos valores do "*magis*" e das opções estratégicas educação por toda a vida, transdisciplinaridade e desenvolvimento regional.

IHU On-Line – Nos últimos anos, têm proliferado faculdades e universidades. Quais são as consequências que isso traz para a universidade?

Cristovam Buarque- É, em parte, fruto de uma pressão extremamente boa no País. Trata-se da pressão de jovens querendo estudar depois do segundo grau e que não conseguem vagas na universidade pública. Conheço pessoas que reclamam dessa proliferação, mas eu acho que é um indicador positivo do Brasil nos últimos dez anos o fato de ter aumentado o número de alunos universitários. Se não aumentou mais na universidade pública que nas particulares é porque a universidade pública não recebeu, por um lado atenção para poder criar esses postos e por outro lado, não se motivou também para aumentar o número de vagas na proporção de demanda. Uma outra discussão é a qualidade dessas universidades, mas não da quantidade. A quantidade não tem nada a ver com o fato de quem não está exigindo a qualidade necessária. Existe um mito de que a universidade era melhor no passado que hoje. Eu não acredito nisso. Não consigo imaginar que um jovem que estuda engenharia hoje, tenha um ensino pior do que aquele que estudou no meu curso de Engenharia. Tenho certeza de que o curso hoje é melhor: há mais laboratórios, professores com dedicação exclusiva, professores com pós-graduação. Quinze anos atrás não tinha nada disso. Como aumentou muito o número, é natural que haja uma redução na qualidade de alguns profissionais. Mas, não se pode, em nome da qualidade,

frear a quantidade. A educação é direito de todos e esse direito deve ser concedido, procurando o máximo de qualidade, e não sacrificando o número e dizendo: "Você vai estudar numa boa universidade e você vai ficar de fora, não vai ter direito nem à boa nem à ruim".

Wrana Panizzi – No bojo dessa discussão sobre o futuro da universidade brasileira, sobre a chamada reforma universitária, nós precisamos ter muito claro um marco regulatório para o conjunto do sistema de ensino superior brasileiro. Todas as instituições têm compromissos e devem ter sua autonomia submetida ao controle social. Para ter esse controle social sobre a presença das instituições, nós precisamos urgentemente de marco.

Ione Bentz - Em uma sociedade democrática, competitiva e aberta, a proliferação de organizações não deve ser um problema. Seria o mesmo que considerar que os problemas do Brasil são o seu povo. A primeira questão, a lei do mercado resolve, ou seja, a relação procura/oferta. Uma questão importante é a viabilidade de se efetivar a procura e novamente a questão de renda da população volta à pauta. Uma outra ainda maior se põe, qual seja as condições culturais da população que lhe permitam identificar os valores que orientam as ofertas educacionais disponibilizadas pelas diversas instituições e buscá-las porque qualificadas nos termos desejados, e não pelo fato apenas de "caberem no orçamento". Teríamos, portanto, saudável competitividade. A palavra de ordem novamente se põe: crescimento, crescimento, crescimento.

IHU On-Line – Alguns especialistas afirmam que a graduação nas universidades foi se transformando num colegial avançado e foi naturalmente desvalorizada. E que, por outro lado, deu-se um valor extremo à pós-graduação, discriminando os professores que ministram aula na graduação e os que o fazem na pós-graduação. Frente a essas opiniões, que riscos pode correr a pós-graduação? De que maneira ela pode contribuir melhor para transformar a sociedade?

Cristovam Buarque - O que vem sendo feito é prestigiar uma boa pós-graduação e selecionar as melhores. E essa pós-graduação tem um papel fundamental na formação dos professores da universidade e, sobretudo, na criação de uma base que não é de professores, é de pensadores, de cientistas, de intelectuais, de escritores: esse é o papel da pós-graduação. Há um certo risco de cair no endogenismo, mas para evitá-lo, além de autônoma e participativa deve ser comprometida. Além disso, eu defendo, é o que se deseja fazer no Ministério, na reforma universitária, é que, depois da pós-graduação, haja mais uma instância que seja a seleção daqueles que vão ser professores. Eu defendo que selecionemos os professores nacionalmente, e não universidade por universidade. Esses professores selecionados nacionalmente podem ser distribuídos nas universidades conforme a descentralização necessária. Dessa forma, quebra-se a endogenia de o aluno fazer pós-graduação numa universidade e virar professor dela. Um ou outro caso pode seguir esse rumo, mas não todos, senão pode criar os mesmos efeitos dos casamentos entre parentes, vai terminar havendo deformações.

Wrana Panizzi – Devemos encarar o processo educacional como um todo. Por que nós, às vezes, encontramos algumas deficiências no ensino de graduação? Eu sou defensora de que as políticas educacionais não devem ser voltadas primeiro para o ensino fundamental e básico para depois o serem para o ensino médio, e depois para a universidade. Temos que olhar o processo educacional como um todo. E quando chegamos à universidade, nosso projeto

acadêmico tem que ser um projeto que inclua a graduação e a pós-graduação. Um bom professor deveria trabalhar tanto na graduação quanto na pós-graduação. Deveríamos ter, sobretudo, um projeto acadêmico nas nossas instituições que não estabeleça essa dicotomia entre graduação e pós-graduação tão forte como ela existe. Na realidade, nós só teremos uma boa graduação, se tivermos uma boa pós-graduação. Mas para ter uma boa pós-graduação é preciso também ter uma boa graduação. E para termos essa universidade boa é preciso que o ensino médio e fundamental também sejam qualificados. A universidade tem uma responsabilidade com o processo educacional como um todo, inclusive com o sistema educacional dos outros níveis. No Rio Grande do Sul, nós não teríamos o desenvolvimento que tivemos na área da saúde, da educação, das artes, da agricultura, da informática, da química, no setor metal-mecânico se não fosse pela pesquisa. Por exemplo, não teríamos o terceiro pólo petroquímico, não seríamos o terceiro pólo de informática, não teríamos o desenvolvimento que temos na área metal-mecânica e agrícola, se não tivéssemos centros de pesquisa e de formação de profissionais qualificados como as nossas universidades têm. A universidade é, sim, o lugar da reflexão, é, sim, o lugar de buscar uma pesquisa aprofundada. Evidentemente que isso não pode ser só para que façamos nossos *papers*, nossas teses, mas para que esse conhecimento seja disponibilizado.

Ione Bentz - Inicialmente, eu discordaria do modo como a sequência de perguntas acima foi formulada, em especial a contextualização das perguntas, porque equivocadas, ou porque reproduzem alguns preconceitos indesejáveis, como, por exemplo, o desprestígio do professor que dá aulas em determinado nível de ensino. Tratar disso, seria outra discussão e outro texto. O modo como a Unisinos concebe a pesquisa passa ao largo de posições hierárquicas no contexto universitário, pois trabalha com profissionais que, pela sua formação doutoral e senioridade, são capazes de produzir conhecimento qualificado. A atuação em docência não é senão decorrência do capital formativo e de experiência que tais profissionais detêm. Há casos, ainda, em que, apesar da ausência de títulos, o pesquisador produz qualificadamente. Darei foco a alguns pontos da formulação inicial. É de conhecimento geral, a perda de qualidade do ensino fundamental e médio nos últimos quarenta anos. As causas têm sido exaustivamente examinadas. É também voz comum a que vem postulando a necessidade de os profissionais mais bem formados atuarem nas séries iniciais, em especial, na atividade de alfabetização. Com todas essas evidências temos convivido, e, infelizmente sido incapazes de alterar esse quadro. A hierarquia citada na pergunta precisa ser ressignificada. Trabalhar para isso é nossa responsabilidade. De certa forma, a Unisinos tem atuado nessa direção pelas atividades de ação social ou de orientação pedagógica que desenvolve junto à sociedade em geral e às escolas da região. A fase de reorganização pela qual a Unisinos está passando funda-se no conceito de universidade de pesquisa, ou seja, de produção de conhecimento, cujos resultados deverão conferir qualidade a cada uma das atividades por ela desenvolvidas, independentemente da área, nível de ensino ou tipo de formatação, com aproveitamento das competências de cada um dos integrantes de seus quadros, na esfera própria de sua atuação. Os preconceitos e estereótipos são indesejáveis e prejudiciais à reflexão mais livre e à execução de projetos.

IHU On-Line – Como acompanhou as mudanças no Ministério da Educação e o que achou do fato de o presidente Lula dizer que não quer acadêmicos no seu governo?

Cristovam Buarque- Não vou comentar. Eu sou parte envolvida nisso.

Wrana Panizzi – As decisões de mudanças ministeriais são uma atribuição do Presidente da República. Nós tivemos já, desde o ano passado, com o ministro Cristovam Buarque, uma possibilidade de diálogo, uma abertura para o diálogo. Nós esperamos e acreditamos que, com o novo ministro, continuemos o aprofundamento dessa possibilidade de diálogo. Penso que o ministro Tarso Genro, embora não seja professor universitário, é um intelectual. Para mim, quem ocupa um cargo como esse, mais importante do que ser da academia, deve ser alguém capaz de falar e interagir com a academia. É isso que eu espero do ministro. Se houver essa interlocução com a universidade em todos os seus níveis e em todo o seu sentido, e o respeito por ela, penso que isso é o importante e é uma condição para qualquer projeto para as nossas universidades.

Ione Bentz - Falar sobre o governo atual começa a ser doloroso. Há que se dar algum tempo ainda. Se o governo não precisa desse tempo, o povo precisa, pelas razões que todos conhecemos. Quanto à aversão aos acadêmicos, ela não é nova. O refrão é repetido à exaustão e a sociedade atualiza a todo o momento o preconceito. Acadêmico tem sido rotulado como idealista, não pragmático, incapaz de executar, enfim um inútil verborrágico de atuação ainda mais prejudicial dado o quadro de emergências que o País enfrenta. Trata-se de um jogo de poder, de medida de forças políticas nada estranhas à sociedade. Estar inserido na sociedade requer reconhecer esses processos políticos e neles atuar.

IHU On-Line – A universidade poderá contribuir, nos próximos anos, para a revitalização do pensamento político e a formulação de projetos de desenvolvimento para o País, ou não é esse o papel da universidade?

Cristovam Buarque - Há 15 anos, eu escrevi o livro chamado *A aventura da Universidade* em que falo do modelo de universidade que o Brasil está necessitando. Acho que essas idéias ainda são vigentes para os próximos anos. Além disso, no Senado, o senador Osmar Dias, que criou e preside a comissão de Educação, vai trabalhar num projeto de universidade para o Brasil, e eu darei minha contribuição nessa comissão para que a universidade possa atender às necessidades que o País está apresentando.

Wrana Panizzi – A universidade, além de formar recursos humanos, produzir conhecimento, ela tem obrigação de ser um lugar de discussão, por isso é o lugar da polêmica, heterogêneo, plural, e ela tem que, cada vez mais, pensar a sociedade, e pensar a sociedade significa, sim, pensar qual é o projeto de desenvolvimento nacional que nós queremos. Qual é o projeto da nação que nós temos? Quais são as tendências hoje no mundo? Qual é o projeto de desenvolvimento nacional que nós temos hoje? O que pensa a Europa sobre isso? O que pensa a América Latina? Qual é a realidade da nossa América Latina? Enfim, é uma atribuição da universidade pensar a sociedade. Esta é uma atividade política, que têm todas as nossas instituições, que ultrapassa a questão da política partidária. É uma questão de projeto de desenvolvimento, é uma questão de instituição da nossa cidadania. Essa é uma tarefa fundamental. Se a universidade brasileira hoje precisa, e aí estou falando da universidade pública, recuperar a sua liderança na oferta de vagas, porque ela tem oferecido poucas, precisa recuperar também a sua dimensão e seu caráter de instituição republicana. A universidade é a mais importante das instituições do Brasil republicano e, para que ela cumpra sua função, precisa se debruçar sobre a nossa realidade social, política, econômica e cultural e pensar essa sociedade.

Ione Bentz - Não apenas pode, como deve. É parte de seu compromisso. As idéias até aqui expressas apontam não apenas para o compromisso, como para a absoluta necessidade de fazê-lo. O modo de contribuir deve ser equacionado na esfera de suas características institucionais, no caso sua condição de universidade. É com o seu capital específico que se agregará às demais forças sociais para a promoção de desenvolvimento do País que passa, necessariamente, pela revitalização do pensamento político.

IHU On-Line - A nova estrutura da Unisinos que está sendo implementada, foi pensada na direção de se tornar cada vez mais uma universidade que contribua na transformação da sociedade ou foi consequência de uma universidade que necessita concorrer no mercado?

Ione Bentz - Para começar, eu não designaria as mudanças em curso na Unisinos como estruturais. Falaria de conceito de universidade e em consequência das condições que viabilizem a concretização do projeto. Reafirmo que as estruturas são apenas um dos aspectos da questão. Se fundamentarmos o nosso raciocínio na base confessional da instituição, de pronto são evocados os princípios humanísticos, éticos e solidários que estão inscritos na história da ação educacional jesuíta. É impensável imaginar a instituição despreocupada com a promoção da justiça e da paz. Reiterada e publicamente, as autoridades reitorais reafirmam a decisão de que a Universidade continue universidade, portanto, fiel aos ideais que a presidem. A Universidade identificou, sim, a necessidade de alterar os processos de gestão e tomada de decisões em função de poder continuar a existir como organização e realizar seu projeto principal. O cenário geral é de alta competitividade e de acelerado desenvolvimento científico e tecnológico. Impõe-se uma nova ordem organizacional para que a instituição possa dar continuidade à sua obra educacional. Nesses termos, a concorrência é positiva para a sociedade, pois se traduz em ofertas educacionais diferenciadas que darão às famílias condições de escolha do tipo de educação que desejam para seus filhos. Mais uma vez, a questão mais afiliva não é a proliferação de universidades ou a concorrência no mercado, mas as condições econômicas e sociais do País.

IHU On-Line- O que está faltando à Unisinos para se aproximar um pouco mais dos ideais da Associação das Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina - Ausjal?

Ione Bentz - Esta pergunta abre um novo tema e, portanto, uma nova ordem de argumentação. Prefiro manifestar-me com cautela sobre esse tema pelo seu grau de complexidade e pelas implicações políticas internas às universidades jesuítas. A questão de base envolve o conceito de América Latina e a posição do Brasil nesse contexto. Os ideais da Ausjal são também os da Companhia de Jesus os quais encontram formas diversificadas de materialização nos diferentes países e suas culturas. Na participação que pude ter em algumas atividades relacionadas aos projetos Ausjal, foi possível perceber a intenção política de reforçar os laços entre as universidades da rede, com visíveis benefícios para elas e para a sociedade em geral. Talvez falte uma liderança dedicada quase que exclusivamente, em um primeiro momento, a promover a articulação entre as universidades integrantes da Associação, em detrimento de tarefas também urgentes dessas lideranças em suas próprias instituições. Organizadas as ações nesse sentido, creio que será rápido e eficaz o desenvolvimento do processo de ação integrada. Todos os indicadores apontam para tal.

A REDE JESUÍTA BUSCA UM SENTIDO CONTRACULTURAL PARA A UNIVERSIDADE

Entrevista com Luis Ugalde

***IHU On-Line** conversou também com o padre Luis Ugalde, presidente da Associação de Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina (Ausjal), já em seu segundo mandato e reitor da Universidade Católica Andrés Bello de Caracas, Venezuela. A Ausjal é integrada por 26 universidades da América Latina confiadas à Companhia de Jesus, entre as quais se encontra a Unisinos. O pensamento do padre Ugalde para a discussão do tema de capa da presente edição é de grande valia, uma vez que a Ausjal constitui um espaço para reflexão sobre a identidade e os desafios que as universidades, principalmente, as de inspiração cristã, têm frente à realidade social da América Latina e seus povos. Luis Ugalde é sacerdote jesuíta, de origem basca e nacionalizado venezuelano. É licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade Javeriana da Colômbia, licenciado em Teologia pela Theologische Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt, Alemanha; licenciado em Sociologia pela Universidade Católica Andrés Bello, de Caracas, Venezuela; mestre em História Econômica e doutor em História, pela Universidade Santa Maria, de Caracas, Venezuela.*

IHU On-Line – A Companhia de Jesus tem refletido sobre neoliberalismo e, de maneira específica, sobre os seus efeitos na Universidade, através da Ausjal. Como se encontram essas duas realidades na América Latina?

Luis Ugalde – Os desafios que a Ausjal enfrentou entre 1992 e 1994, aconteceram tendo como pano de fundo o neoliberalismo mais no auge do que hoje e ficou claro para nós as gravíssimas implicações que ele traria para a América Latina. Nas nossas universidades, há professores de diversas tendências, mas, naquele momento, os reitores unanimemente aceitaram um enfoque sumamente crítico. Hoje eu diria que o enfoque crítico é mais fácil, porque, passados dez anos, podemos ver os efeitos. O ambiente em geral de nossas universidades é de crítica, especialmente depois de experiências catastróficas como as da Argentina e de outros países que colocaram toda a ênfase no liberal. O distanciamento entre pobres e ricos é maior do que nunca, a capacidade de destruir a Terra como casa comum habitável é já uma realidade. Percebemos os frutos amargos de uma globalização onde o poder, a necessidade e a ética estão divorciados. Ao mesmo tempo, começa a tomar força o protesto e a utopia de que necessidades e poderes podem ir ao encontro da globalização, produzindo uma nova, mais humana com maiores níveis de bem-estar e de dignidade humana compartilhada entre os povos. A ética tem se encolhido e privatizado e tem que se agigantar para pôr em plano de igualdade a necessidade e o poder. A tragédia está em que não aparece nenhuma fonte suficientemente vigorosa e efetiva que alimente essa inspiração e força ética.

IHU On-Line - Qual é o sentido das universidades da Ausjal acentuarem sua inspiração cristã em pleno século XXI? Lembrando que universidades estadunidenses, como Harvard e Columbia, de identidade fundacional cristã, hoje, são plenamente leigas e provavelmente consideram que esse estágio é mais adequado ao que exige o mundo atual de suas universidades.

Luis Ugalde - Nós consideramos que perder a inspiração cristã realmente operante é algo grave para nossas sociedades. A globalização alternativa que se deseja, não é possível sem uma forte inspiração e motivação capaz de ir contra a corrente, pois (diferente do que supunha a ilustração) não basta que algo pareça racional para que a humanidade o faça. Assim mesmo, a construção de sociedades latino-americanas inclusivas e governáveis nas quais ética, necessidades e poder (nacionais e internacionais) se encontram de maneira construtiva e efetivamente humanizadora, requer uma inspiração forte e mobilizadora de milhões de consciências e de talentos para a conjugação humanizadora da ética, poder e necessidades.

Não se pode remeter essa inspiração mobilizadora só às igrejas, porque precisamos de uma ética dentro dos saberes, poderes, tecnologias... não fora ou do lado de onde se tomam as decisões numa sociedade secular. Se as universidades não servem para isso, se convertem em reflexos reforçadores da desordem estabelecida. Dito de outro modo, por muito que a universidade denuncie os males do neoliberalismo, da globalização, da pobreza, da unipolaridade mundial, do individualismo possessivo ou da intolerância dos fundamentalismos, não tem nem força, nem inspiração para regular suas ações e instituições. Salvar a casa da Terra e cuidar dela a fim de que seja acolhedora para as novas gerações, desterrar a guerra e o armamentismo e superar a pobreza e a discriminação humana por razões de raça, religião, gênero, cultura parecem objetivos impossíveis e muito contra a corrente das atuais tendências dominantes na economia, na cultura, no poder e na tecnologia. Hoje, nem a família, nem as igrejas, nem outros centros têm força para contestar e moldar valores contra-culturais imprescindíveis, tais como a solidariedade com tudo o que ela implica. Nem a ética, nem o poder, nem a necessidade (sós) podem mudar a atual globalização. O que se requer é que as três atuem com uma certa interação, questionando-se e modificando-se. Uma ética, não importa quão sublimes sejam suas concepções, ideais e princípios, que não consegue converter-se em inspiração, em motor e força interior de muita gente e não media com eficácia e autoridade, entre o poder e a necessidade (com reconhecimento de ambas), perde a realidade.

IHU On-Line - Qual é o grande desafio das universidades hoje?

Luis Ugalde - Grande parte dos governos que há atualmente na América Latina são bastante corruptos e ineficientes. Frente ao populismo e ineficiência dos governos era relativamente atrativo para alguns a promessa neoliberal: reduzir o estado, abrir as fronteiras, obrigar os empresários a serem mais competitivos, eliminar as proteções a empresas ineficientes. Esse era o discurso mais liberal, que tem sua parte de razão, porque o maior perigo neste momento, para mim, não é o neoliberalismo, mas a volta a fórmulas políticas absolutamente fracassadas e a uma ineficiência brutal. Esse perigo está presente em cada um e em todos os países. Evidentemente, o otimismo que houve na Bolívia ou na Argentina com fórmulas um pouco mais liberais, hoje é insustentável. Para as universidades confiadas à Companhia de Jesus a grande convicção é que todas as fórmulas carregadas de ideologia não servem, não são realistas. A América Latina deve aprender a não discutir tanto a ideologia e fazer melhor a gestão pública e a empresarial, e esse é o grande objetivo das universidades. Nesse sentido, a experiência do Brasil, do PT nas prefeituras e nos governos de Estado, na gestão local, de saber levar bem um município ou um Estado, reforçando o tecido social, é o que me parece mais importante neste momento. De que maneira as universidades e as capacidades profissionais que estamos formando nelas podem estabelecer verdadeiras alianças com os setores mais pobres? Considero importante que formemos profissionais com uma visão diferente, que não sejam acrílicos e individualistas.

IHU On-Line - Para realizar essa missão desafiadora, qual é a principal resistência que pode ser encontrada no caminho?

Luis Ugalde - A resistência lógica é que a preocupação fundamental do jovem estudante que pode pagar uma universidade é se colocar bem no mercado. Ele frequenta a universidade, porque espera que, uma vez formado, vai conseguir um bom emprego. Não é que ele queira grandes riquezas, mas a luta pela vida é muito difícil para a juventude hoje. Esse é o seu horizonte. Se ele ingressa numa boa universidade, pensa que vai ter mais probabilidades de se salvar. Então não é tão fácil ensinar-lhe que relacione seu sucesso com o de seu país, seu

sucesso com o dos pobres, mas devemos pensar que se não há país, não o haverá para os profissionais ou para os investidores, por exemplo. Esse é o grande perigo, o ambiente contemporâneo, no geral, é muito individualista. Nossa prédica é como enfrentar essa tendência ascendente, que se separa dos grandes problemas da maioria, como enfrentá-la com uma formação de valores, com uma formação ética, com uma experiência e um conhecimento maior do que o oferecido na América Latina. A tendência, na América Latina, é a de que o 20% “se salvem” e 80% “se condenem”. Esses 20% poderão ter oportunidades na atual ordem mundial, haverá empresas nas quais possam trabalhar, porque foram bons alunos, mas serão um núcleo minoritário rodeado de um imenso mar de pessoas empobrecidas e sem qualificação.

IHU On-Line - Além da formação dos profissionais, qual pode ser o aporte da universidade como instituição para pensar projetos de desenvolvimento nacionais?

Luis Ugalde - Isso é fundamental e mais do que nunca hoje as universidades católicas devem ser um foro de discussão permanente regional e nacional. Creio que a tendência é fazer isso, como faz a Unisinos em nível regional, mas também é o caso de fazê-lo em nível nacional da Universidade Landívar na Guatemala e a Javeriana na Colômbia.

IHU On-Line - Quais são os desafios da pesquisa e da pós-graduação?

Luis Ugalde - Não temos grandes orçamentos disponíveis para a pesquisa, por isso não é muito grande a capacidade investigativa em nossas universidades. O perigo que temos na pós-graduação é o de não sermos suficientemente seletivos nos temas que se escolhem para investigar. Acho que há temas de pesquisa fundamentais que devem ser propostos como assuntos de debate de toda a sociedade. A grande discussão sobre a pobreza na Venezuela partiu da universidade católica, porque ela fez seis anos de pesquisa nessa direção. Os recursos que houver nas nossas universidades para pesquisa devem estar bem focalizados dentro dos critérios estratégicos da Ausjal.

IHU On-Line - Por que aspecto principal as universidades jesuítas gostariam de ser reconhecidas?

Luis Ugalde - A inspiração cristã que se afirma nas universidades da rede jesuíta busca um sentido contracultural, mas se faz dentro, e não à margem, de realidades culturais chaves e muito presentes, como as nossas universidades. Cada vez nos parece mais certo que a maioria dos estudantes escolhe estas universidades, porque acredita que, sendo diplomado por elas, terá maiores probabilidades de êxito futuro no mercado de trabalho. As universidades são centros que ajudam a 10% dos latino-americanos que nelas se diplomam a alcançar exitosamente os saberes, poderes e haveres próprios das sociedades globalizadas. Cremos que quem busca estudar nas universidades jesuítas o faz preferentemente porque espera que, ao diplomar-se, estará mais próximo do sucesso. Mas afirmamos que, se as universidades de nossa rede carecem de uma vigorosa inspiração cristã transformada em levedura humanizadora do mundo e de nossas sociedades, concretamente, serão instituições que fortalecerão uma globalização problemática em sociedades com permanente ameaça de ingovernabilidade, com crescente pobreza e exclusão. O objetivo das universidades agrupadas na Ausjal está em avaliar significativa, clara e eficientemente esta inspiração cristã, diferentemente das universidades que defendem uma confessionalidade fundamentalista (há as muçulmanas, judias, católicas, cristãs de outras denominações, budistas...) e das universidades comuns laicas que refutem toda inspiração institucional valorativa, remetendo-as ao foro íntimo e privado.

SOBRE OS LOBBIES NA UNIVERSIDADE

*Reproduzimos a seguir o artigo com o título acima, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 24 de fevereiro de 2004, de autoria do prof. Ruy Fausto. Ruy Fausto é professor emérito da USP e autor, entre outros livros, de **Marx - Lógica e Política**. (São Paulo: Editora 34, 2002). De Ruy Fausto, **IHU On-Line** publicou uma entrevista na 86ª edição, de 1º de dezembro de 2003 e na presente edição, na editoria *Análise de Conjuntura*, o artigo *A esquerda na encruzilhada*.*

Este texto é uma contribuição ao debate sobre a universidade, e não pretende representar mais do que um complemento a uma discussão que se anuncia importante. Um dos maiores obstáculos a enfrentar quando se tenta mudar as coisas no mundo universitário, obstáculo sobre o qual se falou muito pouco até aqui, são os lobbies que existem na universidade (refiro-me, em primeiro lugar, ao meu setor, que é a filosofia, mas o fenômeno é mais geral). Mesmo se esses lobbies têm ramificações que atingem a grande política, é inútil tentar entendê-los essencialmente a partir de categorias macropolíticas, como se faz usualmente. Apesar das ligações que cada lobby tem com o macrouniverso, o que une os seus membros (aliás de convicções macropolíticas diversas) não é simpatizar com tal ou qual partido, mas fazer parte do lobby.

A meu ver, existem duas formas principais de lobbies na universidade (e em particular no meio que considero). Um lobby que mereceria o nome de populista (quase populista) ou "progressista", e um outro que eu chamaria de "lobby do pseudo-alto nível". Os dois fazem mal à universidade.

Minha impressão é que, se houve épocas em que o primeiro era mais pernicioso, nos últimos anos é, a meu ver, o segundo que representa o perigo maior. O primeiro (não abandonando, sem dúvida, as exigências teóricas, por isso falo em "quase populismo") pretende lutar pelo desenvolvimento das idéias e projetos "progressistas" na universidade, e freqüentemente se apóia no radicalismo da massa estudantil. Porém o universo macropolítico e teórico com o qual ele se articula dá apenas a ideologia por trás da qual estão também os interesses micropolíticos do lobby. O lobby do pseudo-alto nível tem igualmente relações com a macropolítica, em geral com partidos do centro (centro-esquerda, centro-direita ou as duas coisas). Mas, também nesse caso, isso não representa o essencial. Só que, ao contrário do que ocorre com o outro, a sua ideologia - isto é, o seu discurso de "cobertura" - não vem da política, mas tem, diferentemente, uma textura "aufklärer" (iluminista): os membros desse lobby se apresentam como defensores da "excelência", do rigor científico, de interesses "desinteressados" - se posso dizer assim - do saber.

Os dois lobbies têm certas coisas em comum. Por exemplo. Ambos, explícita ou implicitamente, gostam de ter candidatos únicos nos concursos. Ouvi mesmo da boca de um lobista (da turma do pseudo-alto nível) a seguinte pérola: que, antes dos concursos, o "departamento" - entenda-se, eles mesmos - deve decidir qual o melhor candidato, e convidar ou pressionar os outros a desistir. Observe-se o estilo autocrático, fascitante mesmo, diria, desse tipo de intervenção. Ela é típica dos que se pretendem donos da universidade e guardiães do seu destino. Como observei, importa pouco, aqui, a posição macrosocial. Quem profere enormidades dessa ordem pode ser centrista, socialista democrata ou o que for no plano da macropolítica. Isso não faz diferença; no plano micropolítico, que é o decisivo no caso, não hesitaria em dizer que ele é na realidade um autocrata de extrema-direita.

Quanto a pensar que o lobby defende de fato a excelência... Candidatos de muito bom nível são vistos com maus olhos simplesmente por serem estranhos ao lobby; conheço gente que, na

juventude, quase foi destruída, não por razões de "nível", mas simplesmente porque tinha alergia ao grupo. Esse planeja, aliás, as suas jogadas, até a médio e longo prazos. O outro lado, que, no combate aos pseudo-excelentes, acaba muitas vezes por espelhar o estilo desses, não é muito melhor. Nos dois casos, os objetivos legítimos da universidade são postos a serviço de obscuros interesses de poder.

O que fazer para mudar as coisas? Algumas idéias:

- 1) É preciso introduzir uma rotatividade efetiva dos membros das comissões julgadoras dos institutos de auxílio à pesquisa. Quaisquer que sejam os resultados, é inadmissível que uma mesma pessoa exerça durante anos e anos uma mesma função.
- 2) Precisamos, de uma vez por todas, instituir concursos que, não só de direito, mas também de fato, se abram para uma pluralidade de candidatos.
- 3) As bancas desses concursos devem ser imparciais, isto é, devem ser bancas das quais amigos e inimigos notórios dos candidatos têm de ser excluídos (ao contrário do que se supõe, isso não é nenhuma "utopia ética"; o projeto é suficientemente realizável, mesmo se não, talvez, a 100%).
- 4) É preciso fazer com que sejam reconhecidos como normais os elementos aleatórios num concurso. No caso, o aleatório vai junto com a democracia. Quaisquer que sejam os efeitos das circunstâncias (sorteio de pontos etc.), aceitar o seu livre jogo, que não é puramente arbitrário, é de longe preferível ao hegemonismo dos ícones do progresso social ou dos pretensos guardiões do nível e da produtividade - muitos deles, diga-se de passagem, pouco criativos e de nível nada excepcional -, os quais se arrogam (uns e outros) o direito de decidir a priori quem serve e quem não serve (ou quem serve mais, quem serve menos) à universidade.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da semana

NÃO À TATUAGEM BIOPOLÍTICA

O jornal **Folha de S. Paulo** de 18 de janeiro de 2004 publicou o artigo a seguir, de Giorgio Agamben, escrito para o jornal **Le Monde**, em que o filósofo fala sobre as exigências para obtenção de visto e entrada de estrangeiros nos Estados Unidos. Ele explica os motivos que o fizeram cancelar os cursos que daria na Universidade de Nova Iorque.

Agamben, nascido em 1942, leciona Filosofia em Verona, na Itália, e Berkeley, na Califórnia. Fez seus estudos com Martin Heidegger, em Freiburg, e deu contribuições decisivas na publicação da versão italiana dos artigos de Walter Benjamin. Em 2002, foi publicado seu estudo **Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2002, 207 páginas. Também é autor de **Il tempo que resta. Um commento alla 'Lettera ai Romani**, Torino: Einaudi, 2000, e **L'Aperto. L'uomo e l'animale**, Torino: Bollati Boringhieri, 2002. O livro **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I** foi apresentado e comentado no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos, em 29 de outubro de 2003, pela professora Dr^a. Marcia Tiburi, do PPG em Filosofia da Unisinos. **IHU On-Line** dedicou a matéria de capa de sua 81^a edição, de 27 de outubro de 2003, para a obra e o pensamento de Giorgio Agamben. Também publicamos na 57^a edição, de 28 de abril de 2003, o artigo "A ordem mundial em estado de exceção".

Os jornais não deixam margem para dúvidas: de agora em diante, quem quiser viajar aos Estados Unidos com visto será fichado e terá de deixar suas impressões digitais registradas ao entrar no país. Pessoalmente, não tenho intenção nenhuma de me submeter a tais procedimentos, e foi por isso que cancelei, de imediato, os cursos que deveria dar em março na Universidade de Nova York.

Eu gostaria de explicar aqui a razão dessa recusa, ou seja, por que, apesar da simpatia que há muitos anos me liga a meus colegas americanos, assim como a seus alunos, considero essa decisão ao mesmo tempo necessária e inapelável e quanto eu gostaria de que ela fosse compartilhada por outros intelectuais europeus.

Não se trata apenas de uma reação epidérmica diante de um procedimento que há muito tempo vem sendo imposto a criminosos e acusados políticos. Se o problema fosse apenas esse, é evidente que poderíamos aceitar moralmente a idéia de compartilhar, por solidariedade, as condições humilhantes às quais tantos seres humanos são submetidos hoje.

Não é isso o essencial. O problema extrapola os limites da sensibilidade pessoal e diz respeito, pura e simplesmente, ao estatuto jurídico-político (talvez fosse mais simples dizer biopolítico) dos cidadãos nos estados supostamente democráticos em que vivemos.

Procura-se, há alguns anos, nos convencer a aceitar como sendo as dimensões humanas e normais de nossa existência certas práticas de controle que sempre foram vistas como excepcionais e, na realidade, inumanas.

Assim, ninguém ignora que o controle exercido pelo Estado sobre os indivíduos por intermédio do uso de dispositivos eletrônicos, como cartões de crédito ou telefones celulares, já atingiu limites antes inimagináveis.

Mas não é possível ultrapassar certos limiares no controle e na manipulação dos corpos sem penetrar em uma nova era biopolítica, sem dar mais um passo em direção ao que Foucault chamava de animalização progressiva do homem implementada pelas técnicas mais sofisticadas.

O fichamento eletrônico de impressões digitais e retinas, a tatuagem subcutânea e outras práticas do mesmo gênero, são elementos que contribuem para definir esse limiar. As razões de segurança que são evocadas para justificá-las não devem nos impressionar: elas não têm nada a ver com isso. A história nos ensina até que ponto práticas que, num primeiro momento, eram reservadas a estrangeiros acabaram sendo aplicadas ao conjunto dos cidadãos.

O que está em jogo aqui não é nada menos que a nova relação biopolítica supostamente "normal" entre os cidadãos e o Estado. Essa relação não tem mais nada a ver com a participação livre e ativa na esfera pública, mas diz respeito ao registro e fichamento do elemento mais privado e incomunicável da subjetividade: falo da vida biológica dos corpos.

Assim, aos dispositivos de mídia que controlam e manipulam a palavra pública correspondem, portanto, os dispositivos tecnológicos que inscrevem e identificam a vida nua. Entre esses dois extremos de uma palavra sem corpo e um corpo sem palavra, o espaço daquilo que antes chamávamos de política se torna cada vez mais reduzido, mais exíguo.

Assim, ao aplicar ao cidadão -ou, melhor dizendo, ao ser humano como tal- as técnicas e os dispositivos que inventaram para as classes perigosas, os Estados, que deveriam constituir o espaço da vida política, fizeram dela o suspeito por excelência, a tal ponto que é a própria humanidade que se tornou a classe perigosa.

Alguns anos atrás eu escrevi que o paradigma político do Ocidente não era mais a cidade, mas o campo de concentração - que havíamos passado de Atenas a Auschwitz. Tratava-se, evidentemente, de uma tese filosófica e não de uma narrativa histórica, já que não seria o caso de confundir fenômenos que, pelo contrário, convém distinguir.

Quero sugerir que a tatuagem sem dúvida surgiu em Auschwitz como a maneira mais normal e mais econômica de organizar a inscrição e o registro dos deportados nos campos de concentração.

A tatuagem biopolítica que os Estados Unidos nos impõem neste momento para podermos penetrar em seu território pode muito bem ser o sinal precursor daquilo que, futuramente, nos será exigido aceitar como a inscrição normal da identidade do bom cidadão nos mecanismos e engrenagens do Estado. É por isso que devemos nos opor a ela.

Entrevista da Semana

"O ESTADO DE EXCEÇÃO É HOJE A NORMA"

*O filósofo Giorgio Agamben concedeu a entrevista a seguir ao jornal espanhol **El País**, 3 de fevereiro de 2004.*

O que lhe interessou de Auschwitz para entender o que ocorre agora?

Giorgio Agamben - Sua estrutura jurídico-política, o que tornou possível que acontecesse tudo o que passou lá. O que permitiu o horror. Os nazistas não fizeram mais que servir-se de uma figura jurídica, a do estado de exceção, para criar um espaço no qual tudo era permitido, onde não havia delitos, porque não existiam leis. Tentei compreender Auschwitz como modelo, não como feito histórico. E esse modelo, o do estado de exceção, é o que se está convertendo em norma. Aí está Guantánamo ou estão os sem-papéis, uma teórica exceção que é moeda comum.

As novas medidas postas em marcha pela Administração do Bush, depois dos atentados de 11 de setembro, parecem confirmar esse modelo...

Giorgio Agamben - Os atentados representam a soleira a partir do qual se entende um modelo que já funcionava muito antes, do final da Segunda Guerra Mundial, possivelmente. Quando se fala de estado de exceção, e de que há âmbitos onde as leis não valem, o que também se destaca é que cada vez servem menos os grandes princípios que inspiravam os estados-nação, os que regiam a política internacional. Onde não há normas fixas, nem princípios que aceitem todos, o que se impõe é a gestão, o resolver os problemas de qualquer maneira, e a polícia se converte na figura central. A polícia se permite fazer coisas que a lei não autoriza, porque entende que se enfrenta com situações excepcionais. Mas quando tudo faz parte de um estado de exceção, generalizam-se os métodos policiais.

E diante dessa situação, o que pode fazer o cidadão comum?

Giorgio Agamben - O mesmo conceito de cidadão começa a estar em perigo. E quando não há princípios de referência, a pergunta já não pode ser "o que quero fazer?", mas "o que posso fazer?". Hoje já não há maneira de pensar nem de atuar em função de um cenário fixo, inamovível. Tudo troca, tudo se move em um campo de tensão permanente. "Os golpes decisivos são os que se dão com a mão esquerda", dizia um pensador italiano do século passado. E tinha razão: só há espaço para pequenas intervenções, gestos, manobras realizadas sobre a marcha, imediatistas.

O senhor se negou a viajar aos Estados Unidos depois que as autoridades impuseram tanto controle.

Giorgio Agamben - Não é nada mais que um pequeno gesto, não queria parasitas me obrigando a manchar os dedos para deixar meus rastros digitais. Mas me parecia um gesto necessário, oportuno, se se tiver em conta a falta de crítica dos americanos diante da política de seu governo. Pareceu-me melhor que meus alunos se perguntassem por que não tinha ido do que se limitassem a assistir a um curso mais. Felizmente, meu pequeno gesto ocasionou um pouco de revô e houve um pouco de discussão...

A conferência que o senhor deu ontem faz parte desse curso que tinha previsto dar em Nova Iorque. Fala de imagens e fala do tempo. Do que se trata?

Giorgio Agamben - O que me interessa é tentar entender qual é a função da imaginação, o que faz o homem quando imagina. Na realidade, não sabemos o que se passa aí, como se desencadeia esse processo. O que sabemos, porque assim o entenderam muitos artistas, pensadores e cineastas do século XX, é que as imagens vivem. E há que compreender sua temporalidade, sua vida. Acredito, além disso, que, mais que o pensamento ou a linguagem, o que termina por definir o homem é sua faculdade de produzir imagens.

A linguagem foi outro dos temas que o senhor trabalhou, a linguagem e sua relação com a morte.

Giorgio Agamben - Não me interessou a linguagem como comunicação, pelos conteúdos que expressa. O que quis entender, também neste caso, foi como surge o ato de falar, a que obriga ao homem, a que o destina. Não é muito diferente do que trato quando penso nas imagens. O importante é o fato nu, brutal, o gesto de falar. Produz-se então uma espécie de vazio, de interrupção, de estado excepcional. Trata-se de uma situação que se poderia explicar imaginando um animal que está cantando e que, de maneira brusca, se dá conta de que canta. Há uma minúscula interrupção, e essa interrupção é a que nos faz homens, esse vazio.

Em sua reflexão sobre as imagens, o senhor se serve da obra de Aby Warburg¹, o grande historiador da arte.

Giorgio Agamben - Sim, trabalho sobre um projeto que deixou incompleto, que intitulou Mnemosine, e que pretendia ser um grande atlas sobre a genealogia das imagens e da memória no Ocidente. Ficaram 70 painéis de cartão com imagens de procedências muito distintas e que ordenou tematicamente. O que pretendia era reunir os grandes gestos da humanidade.

Como uma síntese das questões essenciais que definem a condição do homem...

Giorgio Agamben - As imagens são cristais carregados de cor que nos transmitem a história do Ocidente. E estão cheios de energia. Em um dos cartões, por exemplo, Warburg reúne imagens relacionadas com a ninfa. Faz isso a partir de um quadro do Ghirlandaio² que o impressionou e que mostra uma mulher que se move muito rápido e que é surpreendida no instante que vai de um sítio a outro. Esse gesto termina por ser como uma interpelação que vem de muito longe, é uma imagem que nos conta algo de nós mesmos. Por isso, Warburg vai

¹ **Aby Warburg**, alemão, famoso historiador da arte do início do século XX, que, imbuído de um olhar antropológico, descobriu um vínculo entre a cultura dos índios hopis do Novo México e a civilização do Renascimento. (*Nota do IHU On-Line*)

² Domenico Ghirlandaio (1449-1494). Pintor florentino de afrescos do início da Renascença, maior mestre da arte da pintura do seu tempo, foi professor de Michelangelo. (*Nota do IHU On-Line*)

colocando junto à ninfa do Ghirlandaio outras imagens que respondem ao mesmo gesto e que podem proceder de outros âmbitos, da história da arte, mas também do cinema ou a publicidade. Mas essa ninfa tem também outra dimensão menos sedutora e mais cruel. E para mostrar esse lado feroz, Warburg inclui mulheres como Judith, no instante de levantar a espada, ou a Salomé.

Análise de conjuntura

A ESQUERDA NA ENCRUZILHADA

*Os problemas do PT são os da esquerda mundial e resultam da carência política do marxismo que domina o seu pensamento. Esta é a idéia central do artigo escrito por Ruy Fausto, que reproduzimos a seguir e que foi originalmente publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 11 de janeiro de 2004. Ruy Fausto é professor emérito da USP e autor, entre outros livros, de **Marx - Lógica e Política**. (São Paulo: Editora 34, 2002). De Ruy Fausto, **IHU On-Line** publicou uma entrevista na 86ª edição, de 1º de dezembro de 2003.*

Intelectuais de extrema-esquerda rompem com o PT. O que salta aos olhos, nos pronunciamentos de ruptura, é a mistura entre o que é justo e o que não é, as críticas - em parte fundadas - aos desacertos do PT governamental e o radicalismo mal fundado. Em sua declaração de saída, Francisco de Oliveira começa com uma epígrafe do "Manifesto Comunista" e, mais adiante, fala de Marx e Engels, "renegados pelo PT". Sem dúvida, uma epígrafe é uma epígrafe, e, em documento mais recente, Francisco de Oliveira se diz "reformista". Mas a dúvida persiste e o mínimo que se pode dizer é que o seu projeto é ambíguo. Fazer a crítica do PT invocando a política marxista é hoje o melhor caminho?

Estou convencido de que não e indico mais adiante por quê. Para falar do governo Lula, começaria observando que a famosa continuidade entre a era Cardoso e o governo Lula é em boa parte um mito. Basta pensar na estratégia das privatizações e em suas conseqüências, além de várias outras coisas, para ver que a relação é muito mais complicada. Francisco de Oliveira critica a reforma da Previdência, a suposta campanha de desmoralização dos funcionários, as alianças oportunistas e o estilo autoritário do governo. Aqui só posso examinar um ou dois pontos. A reforma da Previdência, lançada de forma mais ou menos abrupta, mas denunciada de um modo também autoritário pela extrema-esquerda (até se exibiram as fotos dos deputados que votaram favoravelmente), não poderia deixar de ser discutida. É difícil justificar a posição dos que consideram a situação atual da Previdência como um modelo a ser defendido.

Como já se disse muitas vezes, 21 milhões de assalariados quase sem nenhuma cobertura e menos de 1 milhão com a possibilidade de uma cobertura integral: uma desigualdade que não existe em nenhum outro país do mundo. Não vou detalhar todos os abusos. Eles parecem não ter importância para uma certa esquerda. Os argumentos utilizados, em geral, para recusar toda reforma, aludem à dívida, ao estímulo à demanda, à pressão do FMI. Ora, a dívida é a dívida; será preciso resolver esse problema de algum jeito. Mas não é lembrando o volume esmagador da dívida que se vai eliminar o problema da Previdência.

Quanto ao estímulo à demanda, que os altos salários provocariam, é evidente que o que se economizará cortando ou corrigindo os abusos poderá ser redistribuído de outro modo. Sobre a posição do FMI, pergunto-me se é bem essa a reforma dos seus sonhos (de modo sintomático, a maioria do PFL votou contra). Mas o que parece gritante em toda essa história da Previdência, por isso ela tem muito interesse para além do problema particular, é o fato de que

a extrema-esquerda é mais ou menos cega para o problema da desigualdade, quando a desigualdade vem do Estado. Tem-se a impressão de que, para alguns, a luta da esquerda é, sem mais, a luta do Estado contra o mercado. Ora, o que define a esquerda não é ser a favor do Estado e contra o mercado. O que a caracteriza e é a sua razão de ser é a luta contra a desigualdade (o que não significa que ela deva ser favorável a uma utópica e nefasta igualdade absoluta). Se a desigualdade vem do mercado ou vem do Estado, isso define formas diferentes de exploração ou de injustiça social, mas não modifica o essencial.

Se a extrema-esquerda não vê ou não quer ver o problema é porque a tradição dominante na esquerda pensou a exploração muito mais a partir da sociedade civil do que a partir do Estado. A exploração na sociedade civil é sempre enxergada, a que se faz por meio do Estado é mistificada. Um pouco como ocorre, também, no que se refere à opressão. Conversando não só com gente de extrema-esquerda, mas com colegas de esquerda moderada, tenho às vezes a impressão de que, para eles, o dinheiro do Estado cai do céu. De resto - isso no que concerne à extrema-esquerda -, racionalizar as despesas do Estado é coisa reformista que não ajuda a revolução. Não demonizemos ninguém, mas também não angelizemos. Beber o leite da vaca do Estado sempre foi um esporte nacional.

Com isso não quero dizer que a reforma da Previdência proposta pelo governo, mesmo com as modificações impostas pelo Congresso, seja a reforma ideal. Nem nego que haja hoje no mundo, e também no Brasil, uma ofensiva neoliberal que tenta um desmonte do Welfare State. Mas a resposta da esquerda não deve ser a de negar as dificuldades do status quo, nem de se aferrar em todos os detalhes às formas clássicas do Estado-previdência. As injustiças saltam aos olhos na forma quase caricatural que ele teve no Brasil.

Os problemas que vive hoje o PT são os da esquerda mundial, refratados pelas particularidades latino-americanas e brasileiras. É preciso começar pela questão geral (e, dados os limites de espaço, não poderei ir mais longe). Como diziam os primeiros críticos, pré-marxistas, da economia política, precisamos "remontar aos fundamentos". Essa recomendação é absolutamente atual, e mais ainda no Brasil. Fala-se de derrotas da esquerda no século 20. Houve derrotas, em certo sentido, porém mais do que elas, o que se teve foi um "afundamento" de parte da esquerda, uma espécie de caminho de autodestruição.

É difícil justificar a posição dos que consideram a situação atual da Previdência como um modelo a ser defendido

Esse ponto é essencial para entender onde estamos. A vitória do bolchevismo, movimento "enérgico", mas intransigente e com tendências totalitárias desde a origem (basta dizer que os bolcheviques - menos Lênin, é verdade, mas talvez por razões táticas - viam com maus olhos os soviets em 1905), liquida o movimento socialista russo e abre caminho para um despotismo burocrático genocidário. O resto da história é conhecida: o bolchevismo serve de modelo para os movimentos posteriores. Ele deforma e finalmente destrói o movimento socialista em escala mundial. Isso não significa que tudo tenha andado bem do lado social-democrata. (Refiro-me sempre, bem entendido, à social-democracia como movimento histórico-mundial, não a tal ou qual partido que, no Brasil, tenha adotado esse nome). A social-democracia começa com um desastre que reforça o bolchevismo: o partido social-democrata alemão apoia o Kaiser e os partidos de direita na aventura da Primeira Guerra.

Segue-se a ruptura da ala esquerda, e também do centro (Karl Kautsky), o qual, no primeiro momento, ainda que teoricamente contrário à guerra, foi incapaz de esboçar uma resistência efetiva. A história posterior da social-democracia contém o pior e o melhor. Sem falar no episódio sangrento da repressão da extrema-esquerda alemã (o qual, não esqueçamos, ocorre sob um partido já desertado pelas grandes figuras do centro), a social-democracia foi algumas

vezes colonialista (Guy Mollet, Bernstein já o era) e muitas vezes se perdeu numa política de um reformismo cada vez mais indiscernível da política do centro ou mesmo da direita. Porém, ao mesmo tempo, a social-democracia teve um compromisso com as instituições democráticas e com a luta pela sua efetivação, que se fez aliás muito lentamente. Ela impulsionou – com os partidos comunistas, é verdade, mas ela encarnava melhor esses avanços – as principais reformas sociais que o século conheceu (jornada de oito horas, cobertura de saúde, aposentadoria etc).

Contrariamente a uma opinião tradicional que ainda faz estragos entre nós, a social-democracia, com todos os seus erros e insuficiências, se revelou muito melhor que o bolchevismo.

A experiência do século 20 não tem apenas como resultado a derrubada do mito do bolchevismo. O marxismo – de que o bolchevismo se afastava entretanto consideravelmente – fica também abalado. O socialismo revolucionário marxista (e também o bakunista) se revela não o parteiro do homem novo e da sociedade livre, mas do despotismo e do genocídio. Nada nos leva a crer que o resultado seria diferente se revolução houver -houvesse- nos países mais avançados. Nesse sentido, é preciso abandonar as velhas ilusões revolucionárias.

Isso não significa proscrever a violência como contraviolência em todas as situações. Nem significa proscrever as quase-violências que as sociedades democráticas normalmente admitem. Significa sim dizer que esse não é o caminho fundamental.

A social-democracia se revelou, com todos os seus erros, muito melhor que o bolchevismo

De resto, não se trata de abraçar sem mais o "reformismo", mas de encontrar um caminho entre o "reformismo" e o "revolucionarismo". A política marxista cai não só no seu projeto, mas já na sua análise da política. O quadro das análises políticas de Marx, por brilhante que seja, não dá conta da realidade do século 20. Insisti em outra ocasião que um marxista não pode pensar o que significa um déspota do tipo Saddam Hussein; ele o vê como simples epifenômeno da totalidade dominada pelo capitalismo.

Esse erro grave, eu dizia, se deve ao fato de que falta ao marxismo a noção ou a significação "despotismo" (com exceção do "despotismo oriental"). Ora, o século 20 foi dominado por déspotas, de direita e de "esquerda". Nesse sentido, quem parte apenas das categorias de Marx - e elas dominam, bem mais do que se supõe, o pensamento da maior parte da esquerda - simplesmente não "vê" o que ocorreu no século. A observar, mais ou menos na mesma ordem de considerações, que um livro como "O 18 Brumário de Luís Bonaparte", de Marx, que muitos tomam como uma verdadeira Bíblia para a análise política, se engana, essencialmente, nas suas previsões sobre os rumos que tomaria a história mundial.

O "18 Brumário" prevê governos bonapartistas para os países capitalistas avançados. Ora, depois do segundo império, fora o interregno de Vichy, houve 130 anos de república democrática na França. A mesma coisa, sem exceção, para a Inglaterra. E o que não foi república democrática, não foi autocracia bonapartista, mas ditadura genocidária de direita ou de "esquerda". Falo, no entanto, da política de Marx, não da crítica marxiana da economia política.

Se faço essas observações sobre o déficit político do marxismo, não nego a riqueza nem a atualidade relativa da crítica marxiana da economia política. Marx e Sismondi, no século 19, Keynes e Kalecki, no século 20, mostram que o sistema - se abandonado a si mesmo - tem uma tendência essencial para o desequilíbrio, a desigualdade social e a crise. Apesar do que dizem os neoliberais, aliás hoje já meio na defensiva, essas teses resistem à experiência histórica. É de resto o que, em boa medida, os mais lúcidos dentre os economistas ligados às instituições financeiras internacionais vêm, de um modo ou de outro, reconhecendo.

Uma falsa perspectiva (embora não seja só isso) fez com que a primeira vaga das lutas da esquerda, a que cobre os séculos 19 e 20, se afundasse num abismo de ditadura e violência. Em vez de chorar pretensas derrotas e se aferrar a antigos dogmas, é preciso preparar - na teoria e na prática - uma segunda vaga. Uma segunda vaga da esquerda mundial talvez esteja em formação, nesses primeiros anos do século.

Teologia Pública

A editoria *Teologia Pública* inicia, nesta edição, a publicação de uma série de artigos relacionados ao Simpósio Internacional **O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI**, a ser promovido pelo IHU entre os dias 24 e 27 de maio próximos, e que tem como objetivo geral discutir o lugar da Teologia na universidade do século XXI, celebrando a memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Na edição de hoje, traduzimos e reproduzimos o artigo a seguir, de autoria de Rosino Gibellini, que foi publicado, em italiano, no sítio *Teologi@/Internet*, em 27 de fevereiro de 2004. Rosino Gibellini, teólogo italiano, autor de muitos livros, é organizador do livro **Prospettive teologiche per il XXI secolo** (Prospetivas teológicas para o século XXI). Brescia: Queriniana, 2003. A introdução deste livro foi publicada no **IHU On-Line** número 60, de 19 de maio de 2003. As obras principais de Karl Rahner são **Geist in Welt** – (O Espírito no Mundo) – 1939; **Hörer des Wortes** (Ouvinte da Palavra) – 1941; **Schriften zur Theologie** – (Escritos de Teologia) – (1954-1984); **Grundkurs des Glaubens** (Curso Fundamental sobre a Fé) - (1978).

A TEOLOGIA DE KARL RAHNER

Por uma aliança entre missão e razão no centenário do nascimento do teólogo alemão

Karl Rahner (5 de março de 1904 – 30 de março de 1984), alemão da Floresta Negra, estudou em Friburgo, onde foi também discípulo de Heidegger. Ensinou teologia por duas décadas na Universidade de Innsbruck, sucedeu a Romano Guardini na Universidade de Munique, na Baviera e concluiu a sua docência na Universidade de Münster, na Vestefália. Entre as suas obras maiores, está o **Curso fundamental sobre a fé**. Roma: Paoline, 1978. Nessa obra, ele oferece – como ele mesmo diz – “uma condensação da sua teologia”; mas devem ser recordados, sobretudo, os seus **Escritos Teológicos (Schriften zur Theologie – 1954-1984)**, que recolhem os principais artigos e ensaios que escrevia e publicava, e que constituem 16 volumes com aproximadamente 8 mil páginas.

Em 1995, iniciou-se a edição das **Obras completas**, projetada em 32 volumes.

No ingente esforço destes artigos, se expressa o Rahner ‘narrativo’, no sentido de que a argumentação teológica é colocada sempre a serviço de problemas teológicos e eclesiais reais, que o jesuíta alemão individua, assume e destrincha com a sua força dialética: narratividade como um fazer-teologia que acompanha o caminho da comunidade eclesial. Nesse sentido forte, a narratividade, ainda que não induza quase nunca a narrações pessoais, se conjuga com a dialética.

Em 1965 – ano da conclusão do concílio Vaticano II, do qual participou, ativamente, como perito – ele fundou, com Edward Schillebeeckx e com o jovem Hans Küng, a revista internacional de teologia **Concilium**, que antecipou o fazer-teologia no tempo da globalização: Rahner e Schillebeeckx no Editorial programático de 1965: “Em confronto com as tarefas inerentes da Igreja em cada país, cada nação é “teologicamente subdesenvolvida”. Nesta revista, a teologia de cada país quer ajudar a das outras nações a se desenvolver”. Rahner intuía que o concílio Vaticano II era o germe de uma “Igreja mundial” (*Weltkirche*) que teria encontrado novas expressões na diversidade dos povos e culturas.

No imediato pós-concílio, em 1966, numa célebre conferência na Notre Dame University, o teólogo alemão se saiu com a expressão que se tornou a tarefa da teologia cristã na era pós-ecumênica: “A teologia para o pagão de hoje é a melhor teologia ecumênica”.

A genialidade de Rahner consiste em ter introduzido um novo método na teologia, no qual o dado da fé não é simplesmente relacionado e ilustrado nos seus conteúdos tradicionais, mas é colocado em correspondência com a experiência que o homem tem de si; não se trata somente de saber a fé, mas de compreender a vida. Ao método escolástico, então em voga nas escolas de teologia, que procede do alto das formulações e opera propondo doutrinas, doutrinando, para falar assim, ele institui o método antropológico, que procede de baixo e opera uma correspondência entre vida e verdade, entre experiência e conceito.

Por essa interpretação, a teologia de Rahner representa a contribuição mais vigorosa no âmbito da teologia católica, a que é definida como a “mudança antropológica” na teologia. O seu discípulo Johann Baptist Metz caracterizou bem a contribuição de Rahner à teologia católica: “A teologia de Rahner forçou o sistema da teologia-de-escola abrindo-a ao ‘sujeito’. Desenterrou o ‘sujeito’ do meio dos escombros de um objetivismo escolástico, na qual esta teologia-de-escola estava presa em todas as partes”.

A impostação antropológica da teologia rahneriana suscitou, ao contrário, perplexidade e reserva num teólogo com von Balthasar, que teme o perigo de uma ‘antropologização’ do cristianismo, objeção que foi retomada nas teologias da identidade dos últimos anos. Mas um dos maiores teólogos protestantes da segunda metade do século XX, Wolfhart Pannenberg reconhece, na teologia rahneriana, para além dos limites de uma insistência na impostação sobre o *a priori* de ascendência kantiana, uma das tentativas mais consistentes do século XX de manter aberta a racionalidade reduzida da cultura secular ao mais amplo horizonte de uma racionalidade que reconhece também o mistério de Deus, “enquanto ele ensinou a ver em cada tema teológico aquilo que é universalmente humano”, inserindo-se, assim, no vasto sulco da mais autêntica teologia cristã: “A aliança com a razão pertence, desde o início, à dinâmica missionária do Evangelho”.

Frases da semana

A economia brasileira

“Não há nenhuma ciência econômica capaz de demonstrar que a meta de inflação correta para a economia brasileira este ano é de 5,5%. Nenhum saber superior tampouco poderia afiançar que para o ano que vem ela deva ser 4,5%”. – Editorial da **Folha de S. Paulo**, 19-2-04.

“O modelo de governabilidade criado no governo Fernando Henrique Cardoso, preservado e aprofundado pelo governo Lula, conseguiu expulsar o país do governo e tornou a economia formal uma cidadela sitiada pela expansão do crime organizado”. – Luís Nassif, no artigo, “O País que criamos”, **Folha de S. Paulo**, 20-2-04.

“Ao mesmo tempo em que os grandes bancos - Itaú, Bradesco e Unibanco, por exemplo - batem recordes de lucro, a carteira de crédito controlada pelo sistema financeiro, ao contrário da expectativa do presidente Lula, ficou menor - e aumentaram os empréstimos ao governo”. – Marcelo Gomes, **Agência Carta Maior**, 19-02-04.

“Eles imaginam que são portadores da verdadeira ciência econômica e que são capazes de determinar a trajetória da Lua e de Marte. Não há teorema econômico, e sim axiomas

religiosos”. – Delfim Netto, economista e deputado federal do PP, comentando a decisão do Copom em manter a taxa básica de juros em 16,5% ao ano. – **Folha de S. Paulo**, 23-1-04.

“Eu acho que, no Banco Central, ninguém é contra a criação de empregos. Só que eles agem para não criar empregos. É o que se chama de dissonância cognitiva”. – Delfim Netto, economista – **Folha de S. Paulo**, 23-1-04.

“A recessão e o desemprego gerados pela política macroeconômica de Lula não foram um infortúnio aleatório: foram exatamente o efeito buscado pela política empregada”. – Fernando J. Cardim de Carvalho, professor titular do Instituto de Economia da UFRJ – **Folha de S. Paulo**, 23-1-04.

PIB: - 0,2%

“A economia brasileira é uma anomalia mundial” – Luiz Gonzaga Belluzzo, economista, professor da Unicamp – **O Estado de S. Paulo**, 28-2-04.

A vida e a moratória

“Há vida depois da moratória, como demonstram a Rússia e a Argentina”. – Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de Economia – **Folha de S. Paulo**, 24-1-04.

“Todos os 25 países emergentes são vulneráveis e, nos próximos cinco anos, três deles entrarão em crise. Só não dá para antecipar quais serão os três”. – Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de Economia – **Folha de S. Paulo**, 24-1-04.

O futuro da humanidade

“Por um lado está a preocupação e o medo pela morte pessoal; mas tenho outra preocupação: temo que a humanidade se suicide”. – Mario Benedetti, poeta uruguaio, em entrevista ao jornal argentino **Clarín**, 21-2-04.

“O efeito estufa será pior que a Al Qaeda”. - O alarme vem do Pentágono, num relatório mantido secreto por Bush – **La Repubblica**, 23-2-04.

O Caso Waldomiro

“A frustração causada pela adoção de uma política econômica conservadora, em pouco ou quase nada diversa da que lhe antecedeu, já era crescente. Compensava-a, porém, o fato de o presidente Lula contar com um crédito de confiança quanto a suas boas intenções. É como se o eleitor dissesse: Se não foi feito é porque ainda não foi possível, afinal, eles são decentes e confiáveis. É essa credibilidade política que agora se vê atingida de forma irreversível”. – Editorial “Ilusões Perdidas” – **Folha de S. Paulo**, 22-2-04.

“A ruína moral que se abateu sobre o governo Lula e o Partido dos Trabalhadores, abalando sobretudo o coração da juventude, não nos deve conduzir ao abismo da indiferença e do ceticismo. O que está em jogo é o bem comum de todos nós, e não apenas a reputação dos governantes e dos partidos. Importa, pois, antes de tudo, tirar do episódio a lição necessária, e saber introduzir, na prática e nas instituições políticas, as mudanças indispensáveis que o bom senso aconselha”. – Fábio Konder Comparato, advogado, doutor pela Universidade de Paris, professor titular da Faculdade de Direito da USP e doutor honoris causa da Universidade de Coimbra, no artigo “Organizar o contra-poder popular”, **Folha de S. Paulo**, 22-2-04.

Fé na democracia!

“Meu único objetivo no Parlamento europeu é chegar ao final do meu mandato sem ter perdido a fé na democracia. Não é nada fácil. A gente tem, a cada momento, a velha tentação do leninismo, o afã de resolver as coisas numa canetada”. – Gianni Vattimo, filósofo italiano, deputado do Parlamento Europeu, em entrevista publicada no jornal espanhol **El País**, 23-2-04.

Esquerda, hoje

“Ser de esquerda no mundo global no início do século XXI é defender a queda dos muros, das cercas e dos telões que dividem os seres humanos em todo o planeta, entre os que têm educação e os analfabetos, os que dispõem de um sistema de saúde e os que formam longas filas para um tratamento médico ou dental, os que gozam de segurança e aqueles que são ameaçados diariamente pela violência, os que comem e os que passam fome”. – Cristovam Buarque, no artigo “El telón de oro”, publicado no jornal **El País**, 23-2-04.

Kant: bicentenário de morte

“Podemos dizer que Kant nos ensinou que, se nos é dada a possibilidade de acesso à ‘coisa em si’ (se diria: ao essencial) além do mundo do fenômeno, isso passa através do encontro, ético ou estético, com os outros; enfim, não serão eles o verdadeiro número com respeito ao qual o fenômeno termina por ser simples aparência”. – Gianni Vattimo, filósofo italiano, no artigo “Uma teoria do limite”, publicado em homenagem ao bicentenário da morte de E. Kant, no jornal italiano **La Stampa**, 11-2-04.

“Kant me ajudou a ter uma cabeça livre, a ter uma Moral sem Deus”. – Manfred Geier, alemão, biógrafo de E. Kant, em entrevista publicada na revista semanal alemã **Der Spiegel**, 29-12-03.

Academia e conversa...

“Quero ministros para apresentar resultados, não para ficar com tese, com conversa. Por isso, estou pegando essa turma boa da Câmara”. – Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil – **Folha de S. Paulo**, 23-1-04.

China, Índia e Brasil

“O planeta Terra tem hoje 6,2 bilhões de habitantes. Mas a população consumidora – a que vai aos mercados, compra aparelhos domésticos e tem algum dinheiro para diversão – está em 1,7 bilhão. Cerca de 22% estão concentrados na China e na Índia. É a alta possibilidade de retorno do investimento que está empurrando capitais para lá”. – Celso Ming, jornalista – **O Estado de S. Paulo**, 24-1-04.

“O capital não vai onde não há promessa de crescimento e de lucro. O que eles vêm fazer aqui? Ver o Palocci dar depoimento na televisão?” – Luiz Carlos Belluzzo, economista, professor da Unicamp – **O Estado de S. Paulo**, 28-2-04.

Algo está pintando...

“O desconstrutivismo pós-moderno já cumpriu o seu ciclo. Na França, nada acontece há 20 anos. Uma Julia Kristeva escreve a mesma coisa há séculos e o pior é que está cada vez mais conservadora. Paris já acabou como meca da cultura. Há períodos na História em que nada acontece na cultura. Vivemos assim há décadas. Mas sinto que algo vai pintar em breve. Ouço um pensamento nascer ali na esquina. Como será, não sei”. – Slavoj Žižek, filósofo, em entrevista à revista **Época**, 16-2-04.

ACONTECE

CADERNOS IHU IDÉIAS

CADERNO Nº 8 – SIMÕES LOPES NETO E A INVENÇÃO DO GAÚCHO

Estão à disposição na Livraria Cultural da Unisinos novos números da publicação **Cadernos IHU Idéias**, lançada pelo Instituto Humanitas Unisinos no dia 30 de junho de 2003. Ela tem por finalidade divulgar conhecimentos desenvolvidos e partilhados no espaço semanal **IHU Idéias**, evento que se realiza todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h na Unisinos, sempre com temáticas e convidados diferentes. Cada ministrante, além de apresentar a temática do dia, é convidado a entregar um artigo para a publicação. **Cadernos IHU Idéias** é o espaço de ampliação dessa reflexão. Além do texto, se inclui na publicação (no todo ou em parte) o debate realizado após a apresentação.

O tema do **Cadernos IHU Idéias** nº 8 - **Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho**, apresentado por Márcia Lopes Duarte, professora na Unisinos, no **IHU Idéias**, em 4 de setembro de 2003, traz uma contribuição importante para conhecermos melhor esse escritor que explicita elementos fundamentais em termos de características e valores constituintes da identidade do gaúcho, habitante da região sul do Brasil. Márcia procura abordar como a literatura equaciona identidade e integração, ressaltando a possibilidade de uma universalidade desde um registro que parte do regional. A autora mostra a importância da literatura como instrumento para “desvendar o mito do gaúcho, no sentido de sua desmitificação, do aniquilamento do mito em prol de uma realidade dura e concreta...” A leitura do texto certamente será um estímulo para ler os contos de Lopes Neto que se apóiam em nossas heranças históricas, e nos quais os gaúchos aparecem na luta pela sobrevivência individual, mas, ao mesmo tempo, coletiva. Mesmo inseridos em espaços diversos, aproximam-se todos na mesma ânsia de compreensão e apreensão do mundo que habitam e, assim, fortalecem sua identidade cultural.

Adquira já seu **Cadernos IHU Idéias** nº 8 na Livraria Cultural, ao lado do Instituto Humanitas Unisinos.

CADERNO Nº 9 – OLIGOPÓLIOS MIDIÁTICOS: A TELEVISÃO CONTEMPORÂNEA E AS BARREIRAS À ENTRADA

Eis uma outra temática ligada à questão midiática, aprofundada no **IHU Idéias** do dia 30 de outubro de 2003 com a contribuição do Prof. Dr. Valério Brittos, autor desse artigo e professor da Unisinos. Trata-se de uma compreensão crítica em torno dos oligopólios midiáticos no contexto concentrador do capitalismo. O autor mostra como na comunicação essa concentração se reproduz nas mesmas condições de competição no mercado, através da “construção de fórmulas de conquista do receptor e de controle de muitos sistemas de distribuição”. Tais processos competitivos resultam, muitas vezes, em absorções de pequenas e médias empresas que acabam sucumbindo ante o gigantismo da concorrência. A barreira à entrada de concorrentes é uma característica básica dos oligopólios. Como se constituem

essas barreiras, por exemplo, na concorrência nos mercados audiovisuais submetidos a condições político-institucionais e estético-produtivas?

O artigo de Valério Brittos acrescido de debate após apresentação no **IHU Idéias** é um instrumento valioso para conhecer elementos fundamentais dos bastidores das imagens presentes em nosso cotidiano. Lendo o artigo, percebe-se a cientificidade presente na análise e, ao mesmo tempo, identificam-se os reflexos nas relações subjacentes que atingem diretamente nossa vida real.

Este e os demais **Cadernos IHU Idéias** encontram-se disponíveis na Livraria Cultural

EVENTOS IHU

SALA DE LEITURA

MÁQUINAS DE SENTIDO: PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM SAÚDE

O Instituto Humanitas Unisinos inicia o ano letivo com um leque de eventos oferecidos à comunidade acadêmica. Um deles é o **Sala de Leitura**, com entrada franca, que tem como objetivo divulgar e debater livros escritos pela comunidade interna da Universidade, propondo a apresentação dos mesmos por seus autores. A próxima edição tem data marcada para o dia 2 de março de 2004, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU, quando será apresentado o livro **Máquinas de sentido: processos comunicacionais em saúde**, organizado por Jacqueline Oliveira Silva e Ronaldo Bordin (Porto Alegre: Dacasa, 2003, 164p.). A professora Jacqueline, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos, é a responsável pela condução do debate. O evento acontece na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h. Ao final, vinho e água serão oferecidos aos participantes.

IHU On-Line conversou com a professora Jacqueline sobre a obra e sua apresentação durante o **Sala de Leitura**. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Jacqueline obteve o título de Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo sua dissertação denominada O Serviço Social Vai à Escola - um estudo sobre a formação profissional do assistente social. Este texto foi publicado pela Editora Unisinos em 1995. Concluiu o doutorado em Educação também pela UFRGS em 1996 e sua tese foi intitulada Educação, processo de trabalho e Serviço Social, também publicada pela Editora Dacasa, em 1997. Além de organizar a obra que será apresentada no evento, a professora Jacqueline é organizadora de diversos outros livros, e é autora de **Educação e Saúde: Palavras e Atos**. Porto Alegre: DaCasa, 2001, e co-autora, ao lado de Sara Alves Feitosa, de **Ação Social Voluntária: Motivação e Evasão**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. 64 p.

IHU On-Line - Como foi a organização do livro com tantos autores e de diversas áreas de conhecimento?

Jacqueline Oliveira Silva - O livro tem seu núcleo principal gerado no curso de especialização em saúde da UFRGS, coordenado pelo professor Ronaldo Bordin, com quem desenvolvemos uma parceria há três anos, no sentido de buscar um escopo teórico e empírico para o campo temático da comunicação em saúde. Desta parceria resultou, em 2002, o livro **Saúde na Mídia**³, reunindo as pesquisas produzidas pelos pós-graduados. **Máquinas de sentido** avança o processo de elaboração sobre o tema, reunindo, além de textos produzidos na

³ Silva, Jacqueline Oliveira (org.) . **Saúde na Mídia**. Porto Alegre : Dacasa, 2002.

especialização, ensaios teóricos "encomendados" a autores que vêm trabalhando com temáticas afins em diferentes instituições, notadamente na Unisinos, e pesquisas mapeadas em eventos científicos. O maior desafio, no processo de organização do livro, foi dar-lhe unidade, preservando a multiplicidade de enfoques expostos pelos autores em cada um de seus capítulos.

***IHU On-Line* - Quais foram as principais constatações em relação ao tratamento que a mídia dá às questões de saúde?**

Jacqueline Oliveira Silva - As mídias privilegiam, em suas agendas, o consumo de bens e a consolidação de estilos de vida, enaltecendo uma cultura dietética, desportiva e higiênica, de caráter narcísico, que tem, em seus princípios atuantes, a negação dos efeitos do tempo sobre o corpo, incitando um modo de cuidado em saúde, em que se destacam o uso de tecnologias, os exercícios, a alimentação saudável, os tratamentos holísticos. Temos, neste caso, uma ênfase estética em detrimento das abordagens "clínicas", típicas da linguagem médica sanitária. A política de saúde e a saúde pública estão fora da agenda corriqueira das mídias, tornando-se notícia, quando se trata de dramas ou escândalos.

***IHU On-Line* - De que maneira se dá a espetacularização nessas abordagens?**

Jacqueline Oliveira Silva - O espetáculo se forma principalmente em torno de situações dramatizáveis que geram morte. Os casos do cério e da AIDS no início da epidemia são típicos neste sentido. A notícia ou matéria vai sendo composta a partir das histórias pessoais dos envolvidos e da tragédia da qual são vítimas, deslocadas de suas vinculações com as dinâmicas sociais e políticas que cercam a situação. Esta abordagem é gritante, por exemplo, nos casos de violência (um dos principais problemas de saúde nas metrópoles). Articula-se, nos textos, o binômio vítima – algoz. O sistema não está em questão, exceto nos casos em que ele próprio compõe a notícia (fraudes, corrupção, etc.)

***IHU On-Line* - Qual é o imaginário sobre saúde que foi se construindo no Brasil por meio das abordagens midiáticas?**

Jacqueline Oliveira Silva - As pesquisas, até então realizadas, não nos permitem uma afirmativa neste nível. Consideramos que as mídias compõem o processo de formação deste imaginário, mas não exclusivamente. Por outro lado, ainda sabemos pouco sobre as confluências e distinções no imaginário das diferentes camadas sociais sobre saúde, à medida que a experiência de viver a vida e a morte é socialmente diferenciada, assim como sua exposição às mídias. Podemos afirmar, entretanto, que as mídias estudadas por nosso grupo de trabalho (revistas, jornais, portais e tvs) estimulam a formação de um imaginário individualista e narcísico que cultua o corpo apto a viver sua força, beleza e sexualidade numa corrida contra o tempo.

***IHU On-Line* - Quais foram as principais questões que ficaram em aberto para resolver em próximas pesquisas?**

Jacqueline Oliveira Silva - Creio que o processo de recepção é um grande desafio. Nosso plano de estudos contemplou até esta etapa apenas uma das "pontas" da questão centrada no discurso das mídias. Falta-nos avançar na compreensão do processo que se dá no outro lado das "máquinas de sentido", estabelecendo diferenciações entre os atores e mídias que compõem este processo e identificando os elementos que transitam entre eles, concorrendo para a formação do imaginário social sobre a saúde. Por fim, ficou para nós uma grande satisfação de reunir pessoas tão diferentes nesta contribuição para a comunicação em saúde, e

a esperança de poder, em 2004, agregar outros pesquisadores às nossas buscas e inquietações.

IHU IDÉIAS

UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE USOS E SIGNIFICADOS DA TATUAGEM CONTEMPORÂNEA

*No próximo dia 4 de março, outro evento está de volta ao cotidiano das atividades do IHU. O IHU Idéias acontece todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. A próxima edição terá como tema **Corpos ilustrados: tatuagem e autonomia sobre a anatomia**. A Profa. MS Débora Krischke Leitão, doutoranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é a convidada para estar à frente do debate, que tem entrada gratuita.*

*Para adiantar a temática do evento aos leitores de **IHU On-Line**, entrevistamos a professora Débora, que forneceu uma prévia visão do assunto que é seu objeto de pesquisa. Graduada em Jornalismo e em Ciências Sociais, Débora Leitão é mestre em Antropologia Social pela UFRGS, com dissertação intitulada **O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea**.*

IHU On-Line - Como surgiu o interesse pelas tatuagens como objeto de pesquisa?

Débora Leitão - A bibliografia clássica sobre corporalidade, usos do corpo e modificações corporais, na Antropologia, é muito vasta, ainda que diga respeito sobretudo a pesquisas realizadas em sociedades tradicionais. Algumas idéias defendidas nesse campo (corpo como fenômeno não apenas natural, mas cultural e social; ritualização das aparências; corpo socialmente construído) fizeram surgir meu interesse em estudar a tatuagem contemporânea, por acreditar que diria algo sobre nossa sociedade quando vista à luz dessas idéias.

IHU On-Line - Quais as principais idéias que apresentará na sua exposição “Corpos Ilustrados: tatuagem e autonomia sobre a anatomia”?

Débora Leitão - Em minha exposição abordarei dois pontos fundamentais: haveria uma mudança em alguns dos significados da tatuagem – e da imagem do tatuado – na sociedade contemporânea, e essa mudança só é possível por conta de princípios já presentes no imaginário e no sistema de idéias de nossa sociedade. Uma terceira idéia presente em minha exposição é a de que também nossa cultura e nossa sociedade (ocidental, urbana, industrial,...) podem ser objetos de estudo muito ricos para a Antropologia e outros campos de conhecimento.

IHU On-Line - Qual é o significado adquirido pela tatuagem na medida que se multiplicou e o que esse fenômeno mostra da sociedade contemporânea?

Débora Leitão - Na sociedade ocidental a tatuagem esteve durante muitas décadas estreitamente ligada à transgressão e à marginalidade, fosse ela econômica, social ou política. Contemporaneamente, teria havido uma perda de alguns de seus sinais transgressivos e, em alguma medida, ela teria entrado nas possibilidades “normais” (incorporadas à norma) de apresentação de si. Digo que isso aconteceu “em alguma medida” porque ela passa por “filtros” antes de ser incorporada, a aceitação não é irrestrita, mas domesticada e normatizada. A possibilidade dessa ressignificação da marca e da imagem do tatuado se constrói sobre três pilares, que falam especialmente de idéias e valores da sociedade contemporânea: (1) o uso da marca se insere no universo feminino através dos cuidados com o corpo e das práticas embelezadoras; (2) vai ao encontro de princípios presentes no ideário contemporâneo que pregam valores como autocontrole, auto-responsabilização, autodisciplina e autonomia sobre a

anatomia – revelando o corpo como individual e maleável; (3) vai ao encontro da ideologia contemporânea de valorização da pessoa singular, da subjetividade e das diferenças individuais.

IHU On-Line - Há diferenças de significados no uso das tatuagens entre o universo feminino e masculino?

Débora Leitão - Há diferenças de significados e usos da tatuagem entre o universo feminino e masculino por ser a prática da tatuagem um fenômeno balizado pelas relações sociais e pelas representações sociais. A partir da tatuagem é possível ler, por exemplo, distinções de gênero, classe, e geracionais, já que ela – e os discursos tecidos sobre ela – estarão acompanhando essas distinções. No caso específico do gênero, ela evoca imagens esperadas de homem e de mulher, de sexualidade, de gosto e de estilos de vida quando, por exemplo, existem tipos de desenhos e lugares do corpo mais ou menos aceitos (e considerados socialmente adequados) para homens e mulheres.

O CARNAVAL DA BELEZA GLOBALIZADA

*Relacionando com o tema das tatuagens a ser abordado pela professora Débora Leitão, no próximo **IHU Idéias** (confira entrevista acima), reproduzimos a seguir uma entrevista realizada por Carla Rodrigues à antropóloga argentina Paula Sibília. A entrevista foi veiculada no sítio www.nominimo.com.br, em 16.02.2004, e trata da questão da importância dada atualmente à preocupação com a estética corporal.*

"Eu amo o plástico. Eu também quero ser de plástico." A frase do genial Andy Warhol faz parte da exposição *Pollaroides*, em cartaz no Centro Cultural do Banco do Brasil. Dita nos anos 60, previu o desejo de trocar a carne sujeita à flacidez e à gordura pelo plástico, mais durável, numa transformação que produz o que a antropóloga argentina Paula Sibília chama de "homem pós-orgânico". A naturalidade com que o corpo artificial se impôs é tão grande que, na semana passada, ainda na casa do Big Brother Brasil, a argentina Antonela perguntou a uma colega, com um ar de admiração: "O seu peito é natural, é?"

Era, o que causou ainda mais espanto, mas é cada vez menos.

Na favela de Rio das Pedras, a manicure Vera Gonçalves já refez a barriga e agora junta dinheiro para comprar silicone e voltar para a fila da cirurgia plástica da equipe de Ivo Pintanguy na Santa Casa. O que Vera quer é se manter no posto de destaque nas cinco escolas de samba para as quais desfila. Para isso, adapta seu corpo ao modelo de beleza em vigor. São mulheres como ela que a antropóloga define como as "divas de plástico" do carnaval carioca. Mais exposta às tiranias do *upgrade* corporal do que os homens, a ditadura da estética já estende o modelo tradicionalmente imposto às mulheres para o resto da população. Dessa disseminação brota o fenômeno da "vaidade masculina", que pode ser visto todas as noites em horário nobre. Na novela *Celebridade*, Renato Mendes (Fábio Assunção), entre uma armação e outra, usa hidratante no rosto enquanto conversa com os amigos. Autora de **Homem pós-orgânico - corpo, subjetividade e tecnologias digitais**, Paula fala, nesta entrevista, sobre o pavor de ver o corpo ficar obsoleto, que seria sinônimo de se ficar na categoria *subumana*. "Cada vez mais é a superfície visível da pele que define a nossa identidade. Agora, não temos, mas somos corpos."

A senhora afirma que o corpo humano está ficando obsoleto e que não consegue fugir da tirania do *upgrade*. Por quê?

Existem muitas forças surpreendentes nos corpos humanos. Sempre existiram e acredito que continuarão a existir. Mas os corpos também costumam sofrer os limites impostos pelo contexto de cada época, por seus fatores sociais, políticos e culturais. Na nossa sociedade, espalha-se uma certa paranóia decorrente de uma notícia aterradora: nossos corpos estariam ficando obsoletos, pois eles não conseguem responder às exigências dos competitivos ambientes contemporâneos. Assim, se não quisermos ficar para trás, a nossa velha configuração biológica deve ser permanentemente “incrementada”, “turbinada”, “melhorada”, “bombada”, “sarada”. O mercado oferece um grande leque de produtos e serviços destinados a esse fim: das academias de ginástica às cirurgias plásticas, passando pelas vitaminas, dietas, iogas. Uma parafernália fartamente apoiada pela mídia, que mantém os consumidores informados a respeito dos novos lançamentos e descobertas científicas, dos exemplos bem-sucedidos de corpos corretamente modelados e das ameaças que assombram a todos aqueles que se recusam a seguir seus conselhos.

O carnaval e suas mulheres de plástico são um exemplo disso?

É lógico que estas questões, cada vez mais presentes em nosso cotidiano, ganhem uma evidência maior no carnaval. A “festa da carne” sempre foi uma ocasião em que o corpo se torna protagonista. Curiosamente, essa “carne” hoje parece ter perdido boa parte da sua antiga materialidade. Cada vez mais, os corpos viram imagens “descarnadas” a serem exibidas. Imagens produzidas de tal forma que parecem desprovidas de suas viscosidades orgânicas, de toda e qualquer “imperfeição” ligada à materialidade carnal. Trata-se, idealmente e, cada vez mais, de corpos convertidos em objetos de design, em imagens desenhadas apenas para o consumo visual. Um gozo ainda mais legitimado se for mediado, de preferência, por uma tela de TV ou se for plasmada em uma página de revista. Ainda com relação a estes corpos “sarados” que são “destaques” no carnaval do Sambódromo, creio que pode ser interessante observar as mudanças ocorridas nos últimos anos.

São mudanças no padrão de beleza?

O estereótipo da mulata, verdadeiro emblema do carnaval carioca, tem mudado significativamente seus arredondados contornos. Surpreende conferir a rapidez com que esse modelo de beleza tão forte e tão característico do Rio de Janeiro e do Brasil em geral sucumbe gradativamente como uma das últimas resistências que ainda restavam diante do modelo globalizado. Padronizado já praticamente no mundo inteiro, este modelo de beleza global é cada vez mais tirânico com seu imperativo da magreza – mesmo que seja com seus correspondentes “peitos e bundas turbinados” – e seu desprezo absoluto com relação à flacidez, à gordura e a todos os indícios orgânicos. É um modelo que aponta para uma beleza de inspiração digital, “pós-orgânica”, porque almeja se distanciar da materialidade orgânica do corpo humano. Esses novos tipos de corpos rejeitam tudo aquilo que tradicionalmente fora enaltecido nas festas do carnaval – justamente por ser “carnal”, por ser orgânico – e agora é desprezado como “abjeto”, sujo, impuro, poluído pela gordura e pelas “imperfeições” físicas. Por isso, apesar da evidente força do carnaval como “festa da carne” e da sua potência como evento popular e corporal, eu percebo o crescimento acelerado de uma tendência que se espalha a partir da beleza “globalizada” dos chamados “destaques” e das “musas”. Trata-se de um modelo inspirado no ideal de “pureza” digital, segundo o qual todos os “defeitos” devem ser “apagados” ou “corrigidos”. Isso ocorre, de maneira literal, na prática já corriqueira de retocar, na tela do computador, as fotografias da publicidade e das revistas glamourosas por meio das ferramentas digitais de edição de imagens.

O ideal é ser feita de bites?

Essas “mulheres de plástico” de alguma maneira copiam o exemplo das “divas virtuais”, feitas apenas de bites, programadas no mais puro software e distantes de todo e qualquer hardware. Um exemplo são as modelos e as atrizes digitais que já começaram a povoar as páginas da internet e as salas de cinema e o imaginário contemporâneo. Por serem imateriais, são “perfeitas”. Mas trata-se de um modelo cruel, sem dúvida, pois a carne é teimosa. Apesar de todos os truques e dos custosos sacrifícios em busca desse “corpo perfeito”, descarnado e etéreo, a nossa matéria orgânica ainda insiste em confirmar que “de carne somos”.

O homem pós-orgânico é, na verdade, uma mulher? Ou seja, as mulheres estão mais sujeitas a esta tirania do *upgrade*? Por quê?

O escritor de ficção científica William Gibson, inventor do termo “ciberespaço”, disse em uma entrevista que ele gostava de inventar personagens femininas para protagonizar seus contos e romances, pois as mulheres estão mais acostumadas a lidar com o artifício e a “aditivar” seus corpos com a ajuda da tecnologia. Apesar dos requintes e da sofisticação tecnológica dos últimos tempos, sabe-se que a cosmética é uma arte antiga. Por outro lado, não deixa de ser significativo que o célebre *Manifesto do Cyborg* tenha sido escrito por uma mulher, Donna Haraway, nos anos 1980, inaugurando uma série de textos e pesquisas sobre a fusão entre o corpo e a tecnologia. É evidente, portanto, como também o demonstram as “divas de plástico” do carnaval carioca, que a mulher está mais exposta às tiranias do *upgrade* e da reciclagem constante. A ditadura da estética aponta com mais eficácia e de forma mais incisiva para o público feminino. O imperativo da magreza e do corpo malhado, com seus modelos inatingíveis expostos constantemente na mídia, aumentam a sensação de se ter um corpo “inadequado”, “imperfeito”, que pode e deve ser “melhorado” com a ajuda da tecnologia e com rigorosos sacrifícios pessoais. Atualmente estamos vivenciando uma certa feminilização do mundo neste sentido, impulsionada pelas fantasias onipresentes da publicidade e pelas sedução do consumo. Esse movimento está disseminando o modelo tradicionalmente imposto às mulheres para o resto da população, generalizando cada vez mais a tendência entre os consumidores globais. Daí decorrem alguns fenômenos bem contemporâneos, tais como o da crescente vaidade masculina, por exemplo, amplamente documentada na mídia e muito festejada no mercado.

Tudo virou produto de consumo, inclusive as pessoas? As mulheres, por terem sido historicamente consideradas “objetos”, são mais suscetíveis?

Até pouco tempo atrás se dizia que éramos sujeitos que tínhamos um corpo. Na separação entre o corpo material e alma ou a mente imaterial, a prioridade assinalava o pólo imaterial do par. Era a “vida interior”, a alma, a psique, a mente do sujeito que definia a sua identidade. Hoje, apesar das muitas continuidades com relação a esses postulados, não são esses obscuros meandros interiores os que definem o que cada um é. Cada vez mais, ao contrário, é a superfície visível da pele que define a nossa “identidade”. Agora, não temos mas somos corpos. Nessa exteriorização da identidade, na maneira como as pessoas se constroem e se mostram como seres eminentemente visíveis, o corpo é objetivado. E se torna, acima de tudo, objeto de consumo próprio e alheio. As mulheres têm uma duvidosa “vantagem” histórica, mas a tendência parece se espalhar atualmente para o conjunto da sociedade. Ou, pelo menos,

para todos seus integrantes que podem ser qualificados, em algum sentido, como consumidores.

Todas essas transformações de comportamento estão ligadas a mudanças tecnológicas, que não vão deixar de ocorrer e que, ao contrário, se aceleram cada vez mais. Existe alternativa para os que não querem aderir ao "pós-orgânico"?

De acordo com a propaganda oficial da tecnociência aliada ao mercado, quem não assumir o desafio de aderir ao modelo "pós-orgânico", seja porque não quer ou porque não pode, corre sérios riscos de virar "subumano". Hoje em dia, essa é uma ameaça que paira sobre todos nós: o risco de nos tornarmos excluídos do mercado e, portanto, da sociedade. O capitalismo contemporâneo, porém, é muito ardiloso. Permanentemente, são oferecidas inúmeras alternativas a esse modelo hegemônico: da vida natural à medicina oriental, passando pelos mais diversos tipos de rebeldia e de resistência. O problema é que essas opções costumam ser precisamente isso mesmo: apenas alternativas mornas à venda, produtos e serviços destinados a nichos de mercado específicos. Assim, aqueles que comprem produtos orgânicos e aderem à exaltação do natural, confiando em sua capacidade de exercer certa resistência com relação ao modelo pós-orgânico, correm o risco de não perceberem que se trata de uma "natureza" e de uma "organicidade" especialmente fabricadas – e, normalmente, envolvidas em um ar sofisticado que justifica seus preços mais caros.

A mesma ciência que promove alterações genéticas, por exemplo, também pode promover mais saúde e qualidade de vida diante de doenças até então incuráveis. Existe o lado bom do homem pós-orgânico?

Com certeza, trata-se de um fenômeno complexo e com muitas arestas. Particularmente, não tenho dúvidas de que os avanços tecnocientíficos trazem inúmeros efeitos positivos e abrem novas possibilidades para os homens e as mulheres. Seria absurdo negar isso. Acredito que é importante sermos cautelosos e, de certo modo, até mesmo desconfiados com relação ao que acontece ao nosso redor. É evidente que hoje não vivemos em um regime totalitário à moda antiga, mas numa democracia de mercado que apregoa e estimula abertamente as liberdades individuais. Não se trata, portanto, de um tipo de poder coercitivo, que apenas reprime ou simplesmente diz "não". Ao contrário, é um tipo de estratégia de poder "produtiva" que, dentre outras coisas, produz discursos e prazeres. Isso o torna bem mais efetivo e, também, mais esquivo, mais difícil de ser compreendido de maneira abrangente e definitiva. O que gostaria é precisamente isto: o fato de que essas ferramentas técnicas que temos à nossa disposição para "melhorar" nossos corpos são produtos históricos, circunstanciais, concebidos e utilizados em um tipo particular de sociedade. Do mesmo modo, também são históricas as nossas idéias a respeito da obsolescência do corpo biológico e a necessidade de "corrigi-lo" e "aperfeiçoá-lo", bem como esse desprezo pela materialidade orgânica do corpo humano. Portanto não se trata de atributos "essenciais" e necessários, inerentes à humanidade, não são fatos inevitáveis e tampouco são conseqüências inexoráveis do progresso técnico. São, pelo contrário, resultados de um determinado processo histórico, vigentes em um certo contexto sociopolítico e cultural. E, por isso mesmo, tudo poderia ser diferente. Ou, o que é ainda melhor: tudo pode mudar. Trata-se, aliás, de uma questão fortemente política. Apesar de a política também ser vendida, hoje em dia, como uma velha arte obsoleta.

Como esta busca pelo corpo perfeito se relaciona com a crise do capitalismo industrial?

O capitalismo, que se ancorava principalmente na indústria, precisava de grandes contingentes de operários, pessoas disciplinadas e treinadas para trabalhar, respeitando regras muito estritas com relação ao tempo e ao espaço. Eram levas de “bons trabalhadores”, destinados a saciar as vorazes engrenagens da produção industrial. Trata-se do que Michel Foucault denominou “corpos dóceis”. Nas últimas décadas, porém, alguns traços do capitalismo mudaram significativamente, com a automatização das fábricas e a crise estrutural do emprego em nível mundial, deslocando a ênfase para alguns atributos mais “imateriais” da economia: as finanças, o marketing, a publicidade. O tipo de sujeito mudou, já não é o grande protagonista do regime atual. Hoje parecem ser mais úteis ao capitalismo outros tipos de corpos, não tão dóceis e treinados para trabalhar como, talvez, corpos ávidos e ansiosos, bem treinados para consumir. E um dos grandes alvos da publicidade e do marketing do hedonismo e da felicidade compulsória é, sem dúvida, o próprio corpo. Eis um narcisismo à venda, com muita gente querendo comprar.

Confira a programação do **IHU Idéias** para o mês de março:

11/03/04 – “O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos”. - MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

18/03/04 – “**Evangelische Stift**: uma escola para moças das melhores famílias” - Profa. MS Marlise Regina Meyrer – Professora na Unisinos.

25/03/04 – “Processos Midiáticos e construção de ‘novas’ religiosidades” - Prof. Dr. Antônio Fausto Neto – Professor na Unisinos.

ABRINDO O LIVRO

O evento **Abrindo o Livro** também já tem sua primeira sessão agendada para este ano. Dia 16 de março, das 19h45min às 22 horas, a professora Dra. Ivete Leocádia Manetzeder Keil, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos, fará a apresentação do livro **História da loucura**, de Michel Foucault. 7. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003. 551p., na sala 1G119 do IHU. **Abrindo o Livro** é um evento gratuito, que propõe a apresentação de livros estrangeiros e/ou nacionais de difícil acesso, para discussão e conhecimento da comunidade acadêmica e interessados.

IHU REPÓRTER

Ednaldo da Silva Pereira Filho



Nascido em Salvador, na Bahia, Ednaldo da Silva Pereira Filho passou boa parte da infância na cidade de Camaçari, interior do estado baiano. Seu pai trabalhou na Petrobrás e no Pólo Petroquímico de Camaçari, e sua mãe era dona de casa. Apesar de ter nascido um ano após o golpe militar de 1964, com todo o conturbado contexto político e econômico do País, Ednaldo lembra uma infância feliz junto à sua irmã, primos e vizinhos no interior da Bahia. Brincadeiras no meio do mato, criação de passarinhos, galinhas, esportes no rio, futebol são alguns de suas grandes lembranças. Atualmente Ednaldo é coordenador do curso de Educação

Física da Unisinos e compõe o Sapecca (Serviço de Atenção, Pesquisa e Estudos com Crianças e Adolescentes), como coordenador da área de Educação Física.

Infância- Foi muito gostoso desfrutar das riquezas naturais que uma cidade urbana, uma grande metrópole como Salvador, ainda proporciona aos seus moradores. Foi uma grande aprendizagem de que hoje desfruto no sentido de relações sociais, de ter um senso de organização coletiva, de trabalhar em grupo. Isso eu constituí e criei nas amizades de infância. Na adolescência, com mais três amigos, fizemos uma espécie de sociedade. Vendíamos jornais, pipoca, sacolé e muitas outras coisas para poder comprar uma barraca e sair para acampar. Logo depois de comprar a barraca, resolvemos vender caldo-de-cana. Compramos uma máquina de caldo-de-cana. Acampávamos, trabalhávamos e nos divertíamos ao mesmo tempo. Éramos fazedores de nossos sonhos.

Formação – No final da adolescência, aos 18 anos, ingressei no curso de Educação Física na Universidade Católica de Salvador. Formei-me em 1985 e, em 1986, fiz uma especialização em História e Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da Bahia (FEBA). Meu mestrado também foi em Educação, concluído em 2000, aqui na Unisinos.

Militância – Tive a felicidade de militar em movimento estudantil, e isso foi a minha grande escola de Educação Física. Vivenciei, com muita clareza, o que é ser universitário, não somente no estado da Bahia, mas em todo o Brasil. Quando eu me formei no curso de Educação Física, passei a militar no movimento sindical, no movimento associativo, partidário, fui presidente de associação de professores, fiz parte de várias frentes de movimentos grevistas.

Família – Vim para cá fundamentalmente apaixonado, com propósito de constituir família e me casar, já que tinha conhecido minha primeira esposa no II Congresso Brasileiro de Educação Física, no Ceará, em 1987. A aproximação se deu por divergência de idéias. Hoje não estamos mais juntos, mas somos muito amigos. Casei novamente e estou com Maria da Conceição há 10 anos. Temos um filho de 4 anos, o Israel Biwá. Esse segundo nome é em iorubá (idioma africano) e significa “aquele que nasceu para nós”.

Profissão – Aqui no Rio Grande do Sul, trabalhei em academias de ginástica, em escolas particulares, uns 3, 4 anos. A partir de 1990, passei a compor o quadro de professores da Unisinos. Trabalhei como funcionário público do Estado do Rio Grande do Sul e da Prefeitura de Porto Alegre. Tive também experiência nas políticas públicas da administração do primeiro governo de Olívio Dutra, na prefeitura de Porto Alegre, como assessor pedagógico da atual Secretaria Municipal de Esporte e Recreação e que, na época, era a Supervisão de Esporte e Recreação Pública (SERP), vinculada à Secretaria de Educação. Exerci o cargo de assessor parlamentar e de planejamento no Departamento de Esporte do governo do Estado, no mandato de Olívio Dutra.

Autor – Karl Marx, um autor muito marcante. Ao mesmo tempo que me inspira, questiono muitas de suas convicções. Gosto muito também de Carlos Drummond de Andrade. Na área da poesia, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e outros.

Livro- *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

Filme- *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles.

Nas horas livres- Eu gosto de poder fazer escolhas. Sinto-me cada vez mais livre, quando posso decidir o que fazer nas minhas horas livres.

Um presente- Um livro.

Momentos felizes- As férias na Bahia, finais de semana com a família e momentos em sala de aula.

Unisinos- Meu grande espaço de intervenção social. Minhas melhores horas de trabalho estão na Unisinos. É a Instituição em que deposito confiança e se constitui para mim, num meio para intervir de maneira justa na sociedade.

IHU- É algo que sempre faltou na Unisinos. Dá uma boa sintonia do princípio e missão desta Instituição. Ele tira a missão dos quadros e dos lembretes impressos. Consegue nos lembrar semanalmente da missão, a faz brilhar.

Um grande sonho- Continuar convicto da necessidade de trabalhar por algo significativo. Não deixar de ter utopias, continuar a sonhar e, de preferência, com mais pessoas.

Sala de Leitura

Confira o que estão lendo os nossos colegas da Unisinos



“Estou lendo a obra de John Holloway, *Mudar o mundo sem tomar o poder. O significado da revolução hoje*. São Paulo: Varamundo, 2003, 330 páginas. A questão fundamental que perpassa este livro é: O que é o significado da revolução hoje? O autor, pesquisador na Universidad Nacional Autónoma de Puebla, México, concretiza esta abordagem por questões que correspondem, cada uma, a um capítulo: O que é o processo da fetichização da vida inteira pelo capital e o poder político, conforme uma atual teoria marxiana? Como as pessoas resistem contra isso, por meio de crítica e ação? Quem é, hoje, o sujeito crítico-revolucionário? O que é o antipoder desse sujeito que o confere a chance de vencer? O livro dá idéias principais para as lutas atuais, baseadas na Dialética Negativa de Adorno, no Princípio de Esperança de Ernst Bloch, na negação anarquista da política de poder, na negação dos marxismos, numa transformação crítica da Teoria de Marx e inclui, entre outros, uma crítica às idéias de Foucault como permanência nos limites da “micropolítica” e de Hardt/Negri como fetichização paradigmática do “Império”, ou seja, se posiciona teórico e politicamente além do pós-modernismo, sem negar suas verdades. A leitura e a discussão do livro são fundamentais para a criação de uma alternativa pós-capitalista e pós-estatal. Não exige qualquer militância heróica. Cada um de nós pode, conforme o autor, atuar diariamente por crítica, resistência e criação para um outro mundo. A tradução de Emir Sader contém, lamentavelmente, uma falha principal, traduz a mesma palavra com o mesmo sentido por duas: feito e fato, predominantemente, colocando a segunda. Mas sempre se trata do feito, resultado do fazer, e não do fato”.

Prof. Dr. Josef Hans Helmut Thielen, graduado em Sociologia, doutor em Ciências Agrárias e professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.



“Atualmente estou lendo três livros. O primeiro é **Harry Potter e a Ordem da Fênix**, de J.K. Rowling. Editora Rocco, 2003. Aparentemente, é um livro para adolescentes, mas trata-se de um texto muito bem escrito e cativante até para adultos. Por tratar-se de uma história que tem como pano de fundo a escola de magia e bruxaria de *hogwarts*, com o dia-a-dia de seus alunos e professores, serve como diversão na experiência de repensar as relações acadêmicas universitárias. Nessa linha, recomendo o livro para uma observação acurada sobre o que é ser professor e como tratar colegas, administração superior e certamente, nossos alunos. O segundo intitula-se **Solo de Clarineta** e é de autoria de Érico Veríssimo. Editora Globo, 1974, 349 páginas. São memórias do nosso ilustre escritor gaúcho Érico Veríssimo. Retrata as lembranças dele no âmbito familiar, fazendo referências aos seus principais personagens. Interessante a forma despreendida como ele vê e escreve sobre seus parentes, principalmente seu pai: sem meandros, deixando a veia do escritor se sobrepor à do filho. A terceira obra que atualmente leio é **Perdas e Ganhos**, de Lya Luft. Editora Record, 2003, 156 páginas. Como diz a autora, o livro é uma forma de reflexão dela com seus leitores. Trata de temas cotidianos, com boas doses de frases fortes que fazem a gente pensar na vida. As relações familiares são discutidas, entendidas (depende de cada um) e reforçadas. Acredito que essa leitura abre portas para a melhoria também de outras formas de relacionamentos construídos e, reforçados ou destruídos, a cada dia”.

Profa. Dra. Luciana Paulo Gomes, graduada em Engenharia Civil, mestre e doutora em Engenharia Hidráulica e Saneamento, professora do PPG em Geologia da Unisinos e coordenadora do Verde Campus.



“Estou relendo **A Corrosão do Caráter**, do sociólogo americano Richard Sennett (Editora Record, publicado em 1999, com 204 páginas). Texto de leitura obrigatória para os interessados em compreender os efeitos produzidos pelas novas formas de trabalho sobre a constituição psíquica do sujeito. O autor afirma que o comportamento flexível, exigência do trabalho no novo capitalismo, e que vem sendo anunciado como premissa para o sucesso pessoal, acaba por gerar incertezas e enfraquecer o caráter do trabalhador. Os aspectos que constroem este novo ‘modelo de trabalhador’ incluem as redes de relacionamento, o controle no trabalho flexível, a busca de comunicação nos meios eletrônicos e o trabalho em equipe. A lealdade, a obediência institucional, a confiança, o comprometimento e a ajuda mútua cedem lugar à flexibilidade. ‘O comportamento flexível que lhe trouxe o sucesso está enfraquecendo seu caráter de modo para o qual não há remédio prático’. Essa frase se refere a um dos executivos entrevistados por Sennett e talvez sintetize a essência deste livro, obra fundamental para a compreensão do trabalho no mundo contemporâneo”.

Profa. Isamara Della Favera Allegretti, graduada em Psicologia, especialista em saúde e trabalho e professora do Centro de Ciências Econômicas da Unisinos.

Cartas do Leitor

Amigos do **IHU On-Line**,

Muito bons os textos do IHU de dezembro. Em homenagem envio a letra de um hino do contemporâneo Mestre Irineu na Amazônia, Germano Guilherme:

Deus aonde está

Deus aonde está

Aonde está
Aonde está
Aonde está
Aonde está
Com tanta altura
Com tanta altura
Com vosso brilho
Com vosso brilho
De formosura

Estava procurando um arquivo de áudio, mas não tenho disponível no momento. Assim que conseguir lhes envio. Bom 2004, com paz, saúde e alegria!
Vibrações de saúde, paz e prosperidade!

Atenciosamente,
Rafael Gué Martini
Secretario ABENSAM - Associação Beneficente São Miguel
Igreja Céu de São Miguel - Sapiranga/RS

Estimados amigos,

Muchas gracias por la revista, que sí llegó bien.. Agradezco por la oportunidad de concederles la entrevista. Se ve muy interesante. Claro que me encantaría visitar la universidad Unisinós un día.

Un abrazo,
John Holloway

(Carta enviada por John Holloway, sociólogo irlandês, após receber a 89ª edição de IHU On-Line, edição na qual foi entrevistado.)

Amigos de **IHU On-Line**:

Donida permanece entre nós!

Em meio ao período de férias acadêmicas, recebi atônito a nota de falecimento do nosso professor do PPGCSA, Domingos Donida. Um "raio sináptico" de dor me correu pela espinha e retumbou na cabeça. Pensei: Por que temos de passar por estas? Pensei, também, que agora temos mais uma missão pela frente: fazer de nossos estudos, de nossas pesquisas, a continuidade de, pelo menos parte, do que o sábio Donida pensava e realizava. Temos a obrigação de levar adiante o que ele iniciou, e continuar avançando para a construção de uma outra sociedade possível. Acreditar, como ele, na possibilidade utópica, no sonho coletivo e na humanidade solidária. Concretizar sua luta pelo "fome zero", o respeito que ele tinha pela diversidade, inclusive de gênero, e uma incansável luta pela construção da democracia nos debates acadêmicos. Suas falas em sala de aula não eram reprodução de leituras, eram instigamentos a novas releituras que sempre devemos realizar. Assim ele encarava a vida, num eterno refazer. Assim ele fez seu retorno ao Brasil, uma volta ao lar de que nunca desistiu, que

sempre desejou tão saudável e agradável como tantos lugares que conheceu. Esta lição ele nos deixou na memória, e a sua realização na vida, agora cabe a nós tod@s.

Donida, onde quer que esteja, um grande beijo.

Do aluno
Henrique Schuster
Mestrando do PPGCSA da Unisinos

Nota do IHU: O professor Domingos Armando Donida pertencia ao PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos e era o coordenador da Cátedra Unesco/Unisinos sobre Trabalho e Sociedade Solidária. Graduado em Filosofia, Economia Pura e em Ciências Sociais, o professor Donida doutorou-se na école Pratique Des Hautes Études pela Université de Paris I, Sorbonne, na França. **IHU On-Line** entrevistou-o na ocasião da assinatura do convênio entre a Cátedra Unesco e a Unisinos para a 37ª edição, de 30 de setembro de 2002. Faleceu aos 70 anos de idade, no último dia 24 de janeiro, vítima de enfarte.

Aos amigos do IHU,

Gostei da revista que recebi. Olhei logo no site de vocês e me inscrevi também para receber a revista eletronicamente. Depois de ter lido a entrevista que vocês reportaram de César Benjamim, fiquei me perguntando um bocado de coisas: acredito que a revista deve ser aberta a todas as opiniões e pelo jeito a opinião dele merece destaque no pensamento editorial de vocês. Toda vez que li os dissidentes tenho me perguntado o que essas pessoas queriam? Será que têm uma visão do povo brasileiro e do momento da nossa história? Escrevi um dia a Heloisa Helena perguntando como seria o socialismo hoje em dia em Alagoas. Não me respondeu. Lendo a entrevista de Benjamim pareceu-me um cara que está escrevendo para horóscopo ou cartomante em começo de ano. Incrível como o dogmatismo e o fundamentalismo ideológico está presente nesses papos. Eles sabem, a posteriori, o que não dá certo. Ou também pareceu-me conversa dos milhões de técnicos brasileiros, comentando uma derrota do Brasil. Não sei o que significa ser petista fundador da primeira hora. Também fui, só que não nos círculos pequenos dos debates acadêmicos, e sim do batente junto às minorias organizadas e às majorias desorganizadas. Quem critica por exemplo o Fome Zero é porque não viu gente com fome, que está precisando aqui e agora de um peixe para poder segurar o anzol e aprender a pescar. Acho que o governo atual provocou que o rosto do nosso país aparecesse – corrupção em todas as esferas, muito amadorismo das ONGs e a grande miséria e muita ignorância. O momento atual mostrou também quem é quem no socialismo... E muita gente está mostrando também a verdadeira cara... O PT sempre se prezou por ser um partido em construção na sua organização, nas tentativas de acertar nas estratégias e também tentando compreender o caminho. Talvez o erro do governo atual tenha sido de não ter convidado os vários Benjamins para uma assessoria direta.

Não sei se chegou até aqui. É porque fico meio triste, quando vejo gente que deveria ajudar até pela sua história, está tirando o corpo e atirando pedra. Nosso problema não é Lula – Nosso problema é fazer do País uma democracia que contemple tanto as questões ligadas ao emprego, mas também as outras questões culturais, antropológicas etc. e tal.

Um abraço,
Sabino

Natal - RN

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS